

# A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174  
Rio de Janeiro — Tel. 4337 C.

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil..... um anno 9\$000  
União Postal..... " " 10\$000  
Para o Brasil..... 6 mezes 5\$000

## SUMMARIO

A Escola Primaria

### IDÉAS E FACTOS

Afranio de Mello Franco.... Discurso na escola «Del-  
fim Moreira».  
— O Ensino Primario em Mi-  
nas Geraes.  
Malva ..... Divagando

### A ESCOLA

Maria Stella..... Cartas serranas.

A. Joviano..... O Ensino de Portuguez.  
Helena M. Guimarães..... Sciencias phisicas e natu-  
raes.  
Helena..... Através das revistas — O  
medo.

### ESCOLA NORMAL

A. Balthazar da Silveira.... Historia Geral.

### LIÇÕES E EXERCICIOS

## “A Escola Primaria”

Com o presente numero completa esta revista o sexto anno de publicidade. Nesta data folgamos em registrar a sympathia com que tem sido a «Escola Primaria» acolhida nos meios pedagogicos e o estimulo que nos vem, mesmo dos mais remotos pontos do paiz, manifestado nos applausos a nosso esforço e em suggestões, proveitosas e acceitas muitas, inopportunas outras, mas que todas demonstram o interesse com que vae sendo acompanhada nossa orientação.

Verificamos, pois, que vão sendo attingidos os intuitos que ditaram a criação desta revista, dos quaes o principal foi justamente o desejo de reunir em torno de um mesmo ideal todo o professorado brasileiro, de approximar e unir, para o intercambio de idéas e de processos de educação e ensino, os que laboram, em todo o Brasil, na grande obra da educação das creanças.

Não poderíamos receber mais animadora recompensa aos esforços que temos sido obrigados a empregar para vencer todas as difficuldades oppostas á vida de uma publicação como esta que ha seis annos vimos fazendo, do que a segurança de estarmos realisando uma obra util, de grande alcance patriotico e efficaz pela acção que está exercendo nos circulos pedagogicos.

Despertando o interesse dos mestres, para cuja boa vontade appellamos desde nosso primeiro numero, convocando as energias do professorado para a realisação do ideal, que tem de ser com-

mum a todos, da criação de uma escola brasileira, de um ensino com o cunho accentuadamente brasileiro, de uma educação que se possa chamar — nacional — por dirigir, com uniformidade de acção e com harmonia de vistas, todos seus esforços para a formação do caracter do povo brasileiro, conseguimos já levar nossa revista a grande numero de escolas da maioria dos Estados.

Vemos assim confirmadas as palavras animadoras com que Francisco Alves, que nos deu a mão quando lhe solicitamos o apoio á criação desta revista e que tão generosamente a manteve em seus primeiros annos: «a uma publicação desse genero não faltarão assignantes, o que será difficil, muito difficil, é não faltar tenacidade da parte de seus redactores. Saibam os senhores ter perseverança e a revista ha de vingar».

Não foi mal empregado o auxilio generoso do velho livreiro, credor da gratidão de todos os brasileiros pelo muito que fez em beneficio da divulgação do ensino entre nós, e a «Escola Primaria» vae desempenhando a missão que se impoz e realisando a obra que projectou.

Recordando o nome de Francisco Alves e o amparo que deu a esta revista, cumpre-nos tambem consignar aqui nossos agradecimentos ao digno successor e continuador intelligente das tradições de operosidade e de honradez daquelle editor, o Sr. Paulo Azevedo, a quem a «Escola Primaria» deve inestimaveis serviços.

## I — IDEIAS E FACTOS

## ESCOLA DELFIM MOREIRA

Ao inaugurar-se, em 12 de Novembro do anno passado, na escola «Delfim Moreira», o retrato de seu illustre e saudoso patrono, pronunciou o eminente parlamentar Dr. Afranio de Mello Franco, paranympho da solennidade, o seguinte discurso :

“Nenhuma incumbencia me seria mais grata do que esta, que me proporcionou o honroso convite do digno Inspector escolar deste districto, de ser o paranympho nesta solennidade da apposição do retrato do saudoso brasileiro — Dr. Delfim Moreira — á sala de honra do instituto que traz o seu nome.

Justissima é a homenagem ora prestada ao modesto cidadão e ardente patriota, que, nos cargos de Secretario do Interior e Presidente do seu Estado natal, foi um dos mais esforçados batalhadores da causa fundamental de todos os povos, que aspiram ao progresso material e ao aperfeiçoamento moral: a causa da instrucção.

Secretario de Estado no departamento por onde correm os negocios da instrucção publica, nos quatriennios presidenciaes dos Srs. Francisco Sales e Bueno Brandão — 1902 a 1906 e 1910 a 1914 — Delfim Moreira entregou-se de corpo e alma ao arduo trabalho de systematização dos bons methodos de ensino, de desenvolvimento, melhoria e reforma parcial do serviço instituido pelo Governo republicano de Minas sob a influencia de alguns educadores capazes e estrenuos como Eduardo Pimentel e outros — e teve a gloria de vêr, ao cabo de sua fecunda administração, elevado ao mais alto nivel aquelle serviço, que deve ser o de principal cuidado nos regimens democraticos.

Qualquer que seja o conceito que se faça da soberania e qualquer que seja a posição que cada um tome no debate doutrinario para saber-se onde está a respectiva séde, — o certo é que nos paizes em que a origem de todos os poderes é o voto popular, não pôde haver missão mais nobre para um homem de governo do que a de facilitar todos os meios de instrucção ao povo, porque é nelle, afinal, que reside a soberania, quando sua existencia se acha condicionada pelo Estado, como organização coercitiva da sociedade politica, na definição suggestiva de Segismundo Balicki.

“O suffragio universal quer como seu complemento o bem estar universal, — e é um contrasenso que o povo seja ao mesmo tempo miseravel e soberano.”

Nessa phrase energica de Parlato Alessi está dito tudo, porque seria absurdo attribuir-se ao

povo a *summa potestas*, a fonte de onde decorre a força da Constituição, a competencia das competencias, e mantel-o, ao mesmo tempo, na mais profunda ignorancia.

O patrono deste estabelecimento de instrucção, o modesto collaborador da nossa civilização, e da nossa grandeza, o singello patriota e homem de Estado, que foi Delfim Moreira, pôde ser considerado, com justiça, um apostolo da instrucção popular, um legionario dessa cruzada civica da elevação, — pela cultura moral e pelo ensino, — do *standard life* das massas operarias e, em geral, das camadas menos favorecidas da fortuna no aggregado social.

Votando-se, assim, ao serviço do povo no que este tem de mais proveitosa co-participação nos beneficios do Estado á communhão, — Delfim Moreira o fazia com aquella serena bohemia, doçura de animo e desapego ás glorias da politica, que foram o traço caracteristico e inconfundivel de sua personalidade.

São bem recentes os factos, para que haja mister o esforço de memoria; elles são a testemunha, eloquente em sua mudez, da benemerencia da acção desse homem abnegado, justiceiro, bondoso e desinteressado no trato com os seus semelhantes, ardente e exaltado no seu patriotismo, confiante na victoria dos bons principios de administração, de politica e de moral, animado pela mais viva fé nos destinos gloriosos do Brasil, desse homem cujo titulo maior de gloria foi o de ter passado pelos mais altos postos do Governo espalhando o bem e sem ter jamais commettido consciencientemente uma injustiça.

Chamado em circumstancias imprevistas e cheias de difficuldades para assumir o cargo de depositario do Poder Executivo da União, partio elle de sua pequena cidade com a tranquillidade natural de quem cumpre um dever para com a Nação, e para com o benemerito homem de Estado, que, eleito com elle no mesmo pleito eleitoral, ficára privado, por enfermo, de empossar-se do alto cargo de Presidente da Republica no dia legal.

Recebido com reservas pela opinião, mal orientada por paixões politicas desencadeadas no momento e fortalecidas por uma parte da imprensa partidaria — o honrado chefe mineiro chamou logo para si a sympathia geral pelo exemplo de rara lealdade com que se portou para com o preclaro e venerando Presidente, a cuja substituição interina elle fôra chamado.

Era que essa virtude, que se vai tornando rara entre os homens e que menos ainda floresce no ambiente politico, era das muitas que lhe foram *abstractum* do austero caracter e que elle praticava com a mais absoluta naturalidade, como emanação inconsciente de sua propria maneira de ser.

Seu mais ardente desejo pessoal era o de transmitir sem tardança o pesado encargo ao experimentado e glorioso estadista, por quem elle tinha o mais alto respeito e a cuja direcção intelligente e honesta lhe era sinceramente grato ver confiados os destinos do Brasil.

Sua mais alta aspiração no exercicio passageiro do poder era respeitar o direito de cada

um dos seus concidadãos, fomentar o beneficio geral, applicar honradamente o dinheiro da Nação segundo as prescripções da lei, e observar sem desfallecimentos o regimen da Constituição.

Sucedendo ao Presidente Rodrigues Alves, que falleceu sem empossar-se, o primeiro cuidado do honrado Dr. Delfim Moreira, logo depois de prestadas as homenagens funebres devidas pela Nação ao benemerito chefe extinto, foi marcar o mais breve prazo para a eleição do substituto effectivo.

Podendo influir na escolha do candidato, quiz elle, entretanto, dar um exemplo de boas normas politicas no Governo da Republica, alheando-se da questão propriamente eleitoral e deixando que as forças politicas, directamente, ou por meio de representantes de sua confiança, fizessem a escolha, em plena liberdade, do candidato illustre que está terminando, cercado do respeito nacional, o seu grande Governo.

A linguagem de Delfim Moreira, tanto em suas relações privadas, quanto nas questões politicas, vinha directamente do coração. A sua alma não tinha refulgos e reflectia-se na simplicidade do seu estylo, como a imagem se reproduz no crystal dos espelhos ou das aguas claras e tranquillias.

Não teve a preocupação da fórma litteraria, nem a da sabedoria, mas conhecia o coração humano, as necessidades do povo, em cujo seio vivia feliz, como a planta em seu «habitat», e tinha o grande bom senso e o equilibrio moral, que fortalecem a vontade e a acção, — os dous altos predicados que constituem os dous principaes elementos para o bom éxito de um guia de povos.

Fallando, em uma de suas conferencias, da cultura dos homens politicos, Scipio Sighele diz que a qualidade que mais falta lhes pode fazer não é a da cultura litteraria e a de saber disfarçar poucas idéas entre louçanias de estylo mas sim a do caracter. Os povos latinos, diz elle, estão ainda polarizados na adoração do engenho.

«E' um preconceito muito explicavel, quando se pensa que principalmente pelo engenho, aquelles povos foram no passado grandes e gloriosos; elles se atêm á superioridade intellectual, como os nobres ao seu brazão; e consideram o engenho como a qualidade suprema do homem. Moralidade, laboriosidade, sentimento de dever, altivez de caracter, são dotes que passam á segunda linha, e cuja falta facilmente se perdôa ao individuo genial».

Entretanto, taes dotes valem mais do que o genio, para guia dos povos, pois que elles são o fundamento das virtudes moraes.

Como observa o citado pensador italiano, — Spencer e Bagehot não teriam sido, só pela força do seu genio, melhores chancelleres do que outros; — como Taine, se tivesse sido ministro, talvez nada tivesse acrescentado de glorias á politica franceza; — como De Greef e Gumplowicz, se tivessem subido ao governo, talvez não houvessem feito mais do que fez o famoso Schaeffle, o paciente observador da vida e organismo do corpo social, que, tendo sido Ministro da Agricultura na Austria, quasi nenhum traço deixou de sua passagem pelo poder.

Em compensação, continúa o escriptor

italiano, Bismarck não escreveu obra alguma sociologica, e Cavour talvez fosse incapaz de escrever qualquer dos capitulos dos «Primeiros Principios»

O illustre mineiro, cujo nome foi escolhido para patrono desta escola, era um desses varões de alma forte e, ao mesmo tempo, meiga e cheia de bondade, que se communicava com as outras almas pela afinidade do sentimento, que lhes fallava pela linguagem sem disfarce da lealdade e que considerava as promessas do seu programma, não como «phrases communs, que todos os que não sejam delinquentes, ou idiotas poderiam subscrever», mas como pontos de fé de sua conducta pessoal, ou como compromissos sellados pela honra de sua palavra.

A sua directriz na vida publica resalta das seguintes palavras, que elle escreveu em sua mensagem de 7 de Setembro de 1914:

«1.º Observar as normas de uma politica elevada, isenta do personalismo, bem orientada e calma, tendente a assegurar, pelo intransigente respeito á lei, a tranquillidade de todos os direitos, a confiança no Regimen, nas instituições, que a Nação e o Estado adoptaram. A anormalidade e permanencia de situações politicas graves geram, sem duvida, apprehensões e desconfianças, annullam a acção fecundante dos governos, anarchisam todos os serviços administrativos e perturbam, pela perspectiva de inconvenientes agitações, o trabalho productivo, além de afugentar o capital estrangeiro de que tanto carecemos.

Todos os que passam por qualquer dos departamentos da administração sabem como a boa politica influe para a boa direcção dos negocios.

2.º Acatar as Constituições federal e estadual, principalmente as garantias offerecidas aos direitos do homem, compendiadas nos artigos 72 e paragraphos da Constituição Federal e 3.º e paragraphos da Constituição Mineira, concernentes á liberdade, segurança e propriedade.

3.º Respeitar a autonomia dos municipios, nelles interferindo, nos termos das leis decretadas, somente para prestigiar os poderes locais, augmentar e desenvolver a vida das localidades em todas as suas manifestações — intellectual, moral e material. O districto e o municipio constituem as cellulas fundamentaes e vivas do systema federativo e o Estado federado o élo que as prende entre si, formando o grande todo.

Assim como é mister não se afrouxem os laços que prendem os Estados á União Federal, assim tambem os municipios não podem ter vida isolada, precisam manter relações muito estreitas com o Estado, ao qual o conforto, a hygiene, o bem estar moral e material, a prosperidade industrial, etc., das cidades e localidades do interior muito interessam.

Fazer com os municipios uma politica fecunda, isenta das paixões locais, irreprimiveis, muitas vezes, é um escopo a que o Governo de Minas buscou sempre attingir.

4.º «Garantir a liberdade politica, que se traduz na verdade do voto livre e no acatamento da opinião manifestada nas urnas».

Não ha reforma dos processos de eleição que possa produzir apreciaveis resultados, se não tem como base fundamental a educação e transformação dos costumes politicos. Periodicamente, no seio dos povos cultos, adoptam-se

Que poderia eu responder que não se traduzisse por um simples — *Amen*?

Também eu sonhara ver uma geração inteira de gente forte e feliz, habilitada e boa, sahindo da escola em busca de trabalho fecundo nos campos, no commercio, nas industrias, nas artes.

Tive uma escola e, tanto quanto foi possível, busquei harmonizar os meus ideaes de ensino com as exigencias dos programmas.

Muitos eram os alumnos, muitas as classes a attender e completa era a ausencia de auxiliares, de material de ensino.

Realisei em parte o desejo de contribuir para o bem de minha gente com sacrificio embora da minha saude, que se tornou precaria.

E isso succede a todas as professoras que têm uma noção exacta do dever a cumprir e que, acima de tudo, levantam no coração um altar ás crianças.

São os programmas de ensino os causadores unicos de todos os males da nossa escola primaria porque, na preocupação maxima de fazel-os excellentes, a tudo attendendo, chegou-se á perfeição de tornal-os *pedantescos*, transformando as nossas escolas em ridiculos arremedos de cursos secundarios, como já disse em linguagem inimitavel o prezado mestre—Dr. Ignacio Amaral.

Quando se inicia, como ora succede, um governo novo, deve ser preocupação primeira a modificação de velhos e maus costumes, aparando-lhes as saliencias desnecessarias, alizando-os nas suas asperezas.

E' o que desejo se faça aos nossos programmas.

Necessidade não ha de serem elles mudados de dois em dois annos, mas apenas modificados no que a pratica revelar não ser applicavel ao nosso meio.

Foi do que não cogitou a passada administração. Crearam o regimen de dous turnos, reduziram o horario a quatro horas, o curso primario a cinco annos, e o programma (organizado para seis annos e cinco horas de aulas) em vez de ser simplificado, como se impunha, foi em tudo dilatado, accrescendo-se-lhe ainda uma nova disciplina—a historia geral.

Que se obtem com isso?

Si, em vez de primeiro *educar*, trata a mestra de *instruir* de accordo com o programma, terá alumnos abatidos, phisica, moral e intellectualmente, com o cerebro entulhado de noções inuteis á vida, crianças tornadas velhas precocemente, exgottadas, neurasthenicas.

E quanto perdeu a mestra com o trabalho de encaixar essas noções nos pobres cerebros infantis capazes de assimilação! Quantas canseiras para todos nas vespersas dos exames! Quanta saude alterada ou perdida!

Entretanto escasso tem sido o numero de tuberculosas no magisterio. E' que a experiencia traz sabedoria e quem se sacrifica duas vezes é tolo ou imbecil, pensam, e mui judiciosamente, as professoras experimentadas. A natureza deixa no organismo certas reservas que se exgottam quando não renovadas a tempo e este falta sempre áquellas que, na escola e em casa, se dedicam ás crianças.

Assim, no intuito de bem ensinar, sem sacrificio inutil da propria vida, trata-se de conciliar as cousas, de modo a obedecer em parte ao programma e poupar os pulmões, cuidando-se tão somente de *preparar alumnos para exames*.

Deixa-se a pedagogia repousando nas prateleiras, organizam-se uns *pontinhos* dosados convenientemente e *decorados* depois pelas crianças que, no exame, satisfazendo plenamente ás exigencias officiaes, reŕspondem com desembaraço e acerto ás perguntas formuladas pela professora examinadora. Faz-se assim uma especie de *pacto* entre professora e alumno, martelando-se as partes do programma mais necessarias a essa exhibição e só se cuida seriamente do portuguez e da arithmetica, por causa das provas escriptas.

E' o fim a que chegam fatalmente todas as boas professoras, mesmo aquellas que mais aconselharam a applicação dos melhores methodos pedagogicos.

Quem não faz mais ou menos assim tem, infallivelmente, crueis decepções no fim do anno lectivo, porque não é possível executar o programma actual no tempo prescripto, nem adiar o exame final de curso primario até que o alumno assimile tudo quanto se lhe exige, isto é, retendo-o na escola até aos 17 ou 18 annos de idade.

De um modo ou de outro ha sempre uma victima—a criança. Mas o segundo processo de ensino tem a vantagem de fazer a mestra escapar á fraqueza pulmonar e lhe dá maior *merecimento*, pois os alumnos, bem adestrados, fazem sempre um *bello exame*.

E' para evitar a reproducção dessas farças, para fugir ao máo exemplo offerecido como lição de moral ás nossas crianças, que todas as mestras do Districto Federal (e formam um conjuncto que honra a nossa Terra, pela excellencia e abnegação da quasi totalidade de seus membros) devem, junto do Sr. Dr. Carneiro Leão, actual Director da Instrucção, erguer a voz em unisono e clamar:

—Dê-nos um programma de ensino que possa ser lealmente cumprido!

Rio, 10 de Janeiro de 1923.

MALVA.

## AVISO NECESSARIO

Completando a Escola Primaria, com o presente numero, o 6.º anno de publicação, ficam terminadas todas as assignaturas annuaes. Pedimos, pois, a nossos assi-

gnantes o obsequio de reformal-as o mais breve possível, afim de evitar qualquer interrupção na remessa da revista.

Não obstante o custo da publicação, que cresce dia a dia, manteremos o mesmo preço de 9\$000 para as assignaturas annuaes e de 5\$000 para as de semestre.

As collecções dos annos anteriores cartonadas, com indice alphabetico, custarão 10\$000 a dos ultimos annos: 1921-22 e 1922-23; e 12\$000 as dos primeiros quatro annos.

Pelo correio, mais 1\$000 para o porte e registro.

Todos os pedidos, quer os de assignaturas, que os de collecções, devem ser endereçados á

Redacção d'«A Escola Primaria», rua 7 de Setembro, 174, 1º andar, Rio de Janeiro.

O maior tónico da fadiga nervosa, da fadiga cerebral, da surmenage em geral

**KOLATENO**

E' o summum dos principios activos da NOZ DE KOLA FRESCA, a que se acham associados o MALT e o PHOSPHATO DE SODIO

DOSES: 2 a 4 colheres das de chá por dia, puras ou diluidas em meio calice d'agua

## II = A ESCOLA

### Cartas serranas

#### XVII

##### MINHA AMIGA :

Participo do seu modo de pensar em relação ás professoras que se queixam frequentemente dos alumnos, da pouca attenção dos mesmos, das faltas à escola ou da má vontade com que cumprem os deveres collegiaes.

É que não perceberam ainda que, educadoras, são ellas as responsaveis pelo mal de que se queixam.

E é triste que isso se verifique não raras vezes com moças intelligentes, que muito poderiam fazer pelas crianças, si comprehendessem que têm o dever de despertar nos discípulos a vontade de estudar, de tornar a aula agradável e atrahente e conseguir a sympathia e o affecto dos alumnos, ao mesmo tempo que naturalmente irão impondo a sua autoridade.

Esta não se deve revelar por gritos intempestivos, por gestos de irritação, ou phrases aggressivas e subitas, que assustam aos tímidos e provocam a reacção dos rebeldes.

Ah! não seja professora aquella que parece estar experimentando forças com os alumnos, numa luta em que procura provar que póde mais, ou que lhe assiste razão nas reprimendas. Ah! não! A autoridade da mestra ha de ser incontestada, consequencia mesma da sua função, e firmada numa serena imparcialidade, sem basear-se em razões, que a classe não precisa conhecer, mas que deve sentir e acceitar como factó real, que não se discute nem se analysa, porque é justo, deve ser justo, tem que ser justo. . .

Os discípulos estão naturalmente obrigados a respeitar a professora, mas esta, quando o é na verdadeira accepção da palavra, ha de principalmente fazer-se amar pelos discípulos.

Só póde haver real proveito na classe em que os alumnos se sintam allia-dos da mestra, por ella amparados e

animados, tendo cada um a certeza da victoria, preocupados todos em não desmerecer da confiança que inspiram, e convencidos elles mesmos da possibilidade de vencerem pela attenção e diligencia.

No ensino o estímulo é tudo, minha Amiga, e, a elle comparada, a reprimenda é muito pouco.

Isso não quer dizer que não se deva castigar ou reprehender nas occasiões proprias, em que se não póde prescindir desse meio educativo. Porque, de facto, é de alta relevancia saber punir; e uma reprehensão opportuna, severa e serenamente applicada, mostra que a mesma pessoa que sorri e premeia é capaz de censurar e castigar quando é necessario. A professora não deverá perder um só desses ensejos, que trazem muita força á sua autoridade moral.

Mas, si fôr boa educadora, elles serão um elemento accessorio e insolito junto á grande arma quotidiana e fecunda do estímulo e do prazer no estudo.

João Finot diz muito bem: "*Um dos problemas dominantes da pedagogia de amanhã será o de obter os meios necessarios para favorecer e defender o temperamento optimista.*"

E Alfredo Binet affirma:

"*No querer está a chave da educação.*" E mais ainda: "*Esmero-me em ser optimista, pois o estímulo é a principal alavanca da educação.*"

Assim se exprimem os mestres cujas palavras vêm corroborar o que verificamos na nossa pratica diuturna.

Effectivamente, minha prezada Collega, nada poderemos fazer si não tivermos a boa vontade dos discípulos. E essa boa vontade é conquistada pela professora, como resultado da sua arte, do seu tino pedagogico.

Mas não se conquista o que voluntariamente se nos offerece; conquista-se sim o que se nos nega.

Assim, o verdadeiro papel da mestra é interessar nas lições os alumnos vadios, é despertar-lhes o prazer do estudo; pois que aos outros, aos applicados, não tem mais que transmittir as lições que elles

mesmos avidamente esperam. Amparar os mais fracos, buscar os que vêm atrás, interessar-se individualmente pelos menos favorecidos da natureza, é um dever inilludível a que não póde esquivar-se a professora.

São os doentes que precisam do medico; assim são os alumnos menos capazes os maiores credores dos cuidados do mestre.

É um crime, minha Amiga, abandonar os morosos, os lerdos de raciocinio, os acanhados de attenção, esses pobrezinhos que não entendem tudo ás primeiras explicações, e que ficam por isso muitas vezes condemnados a nada aprender, a nada aproveitar, si não lhes acudir, prompta e vivaz, a sollicitude da professora.

Já ouvi mais de uma vez phrases lamentaveis, pronunciadas por collegas nossas, referindo-se a crianças perfeitamente normaes, apenas vadias e um pouco mais atrasadas que os collegas de turma:

—Destes não cuido mais! nada aprendem!

Ou então:

—Não penso mais em F. e F. É inutil cansar-me! Não aproveitam nada! Nada se tira delles.

É que esses alumnos retardam o preparo dos outros para a promoção de classe. E infelizmente algumas professoras julgam que estão na escola exclusivamente para preparar uma turma para exame. De sorte que este, que é apenas um incidente na escola, um estímulo a mais para o trabalho, passa a ser a preocupação maxima, a finalidade de todos os esforços, não só para o alumno (o que é natural) mas tambem para a mestra (o que é espantoso).

Entretanto o defeito dessas crianças, minha Amiga, é quasi sempre este apenas: — o de não terem ainda conhecido o prazer do estudo. E deste propriamente não lhes cabe a maior culpa, mas á professora que, ou não soube despertar-lhes esse gosto, ou os accommodou sem mais exame numa classe de adiantamento superior á capacidade dos mesmos.

Si é de sua antecessora a falha, cabe-lhe corrigil-a a tempo, indo em soccorro dos educandos mais fracos ou menos instruidos.

Não raras vezes esses alumnos, sentindo-se amparados moralmente pela

professora, que lhes facilita o entendimento, firmando as noções e aclarando o que lhes parecia obscuro, transformam-se completamente, e a alegria de aprender, o gozo de vencer, a certeza das suas possibilidades, trazem uma era nova para esses estudanteezinhos que assim despertam do indifferentismo, que acordam daquelle meio somno em que jaziam, para as vivacidades do estudo.

Permaneciam como apathicos, indifferentes e alheios a quaesquer esforços, habituados á idéa da inutilidade destes, perfeitamente affeitos á condição de máos alumnos, que não sabem, não podem e não procuram melhorar de situação.

Mas a professora foi até elles, escan-diu-lhes o estado d'alma, conheceu-lhes os embaraços ao progresso, tornou accessível o que lhes parecia invencível; e eil-os capazes, e esforçados e felizes.

A estrada era espinhosa e obscura, nella não caminhavam bem, e não tinham prazer em percorrel-a. A mestra desbravou-lhes o caminho, projectou luz onde só havia penumbra, e agora seguem desassombradamente, consciós do que fazem, seguros do terreno em que pisam e sabendo para onde vão.

E a mestra que assim procedeu, a professora que produziu essa apparente maravilha, terá praticado alguma cousa extraordinaria? Não: apenas terá cumprido o seu dever. Porque este não é sómente instruir a maioria da sua turma, mas interessar-se individualmente por todos os alumnos.

O caminho é esse apenas; não póde ser outro.

Assim, nas escolas pequenas, em que não ha uniformidade de adeantamento, por isso que não póde haver muitas divisões de turmas, é preferível que a maioria espere, ou caminhe mais vagarosamente, do que seja abandonado um só alumno que pareça rebelde ao estudo.

Demais, não nos assiste este direito, visto como, acima de todos os programase horarios impressos, deve guiar-nos a consciencia da nossa responsabilidade. E esta é grande, minha Amiga, e, infelizmente, nem sempre bem avaliada.

Você sempre soube estimal-a e della desobrigar-se com intelligencia e dedi-

cação; e, como a gentil Collega, muitas outras professoras, que põem no seu ministerio lustre e zelo.

Valha-nos isso.

Maria Stella.

Mendes, Dezembro de 922.

## O ENSINO DE PORTUGUEZ

(Resposta a uma consulta)

Attendo com muito prazer ao pedido que V. me fez de responder á consulta de uma professora, assignante da *Escola Primaria*.

Vejo pelos dizeres da carta que se trata de uma professora de escola primaria, a qual tem difficuldades em acceitar a nova orientação do ensino de portuguez, iniciado desde logo pelo estudo da *sentença*, quando até agora tem ella leccionado essa materia apontando nos trechos literarios os *substantivos*, *adjectivos*, etc. com a declinação das respectivas flexões, e assim a conjugação de todos os verbos, regulares e irregulares, para então, já no 4º e 5º annos do curso, tratar da construcção dos *periodos* com as suas *sentenças*, *sujeitos*, *verbos*, e mais elementos constitutivos da proposição.

Realmente, a rotina tem sido essa, e a seguirá ainda, sem discrepancia, todo professor que não reflectir no absurdo de tal velharia, herança ainda do ensino colonial, da qual muitos agora, felizmente, se vão emancipando.

Uma professora conscienciosa não pode admittir que se exija de um alumno em tenra idade esse esforço improficuo de memorização de nomes e classificações, difficeis e inuteis, que elle tem de recitar, ao topar cada palavra na leitura, sem receber noção alguma do emprego do *termo* na phrase, na expressão do pensamento, que é sempre tão variavel e relativa. Para que saber desde logo a origem, a composição, a fórmula, o som, a significação individual e isolada das palavras, antes que as observe como idéas das expressões completas, que são as sentenças, fórmula com a qual já o alumno se familiarizou, ouvindo-a, entendendo-a e falando-a na conversação vulgar e, depois, na escola pelos livros de leitura?

Isolar os vocabulos do corpo das sentenças, disseccal-os por uma torturante *analyse* de convenções grammaticaes, em estudo que nada aproveita á pratica do bem falar e escrever do escolar — é perder tempo em cousa inutil, pelo menos sem necessidade urgente para a sua aprendizagem das fórmulas correctas da lingua. E' um estudo de gabinete, de laboratorio scientifico, que muito interessa ao linguista, ao philologo, aos autores de grammatica, mas que ao pequeno aprendiz de linguagem, botando-lhe tanta definição e nomenclatura difficil na cabeça, vai servir sómente como ornamento da memoria, de brilho fugaz, para effeito... nos exames.

Dirá a professora que sem o conhecimento e pratica, ao menos, das *flexões*, nominaes e verbaes, o estudante de portuguez não poderá desde logo fazer correctas as suas phrases e sentenças. Mas taes flexões sómente se podem observar, comprehendendo a sua utilidade, na textura da *sentença*, onde ellas se manifestam nas differentes modalidades do pensamento expresso, pela *concordancia* dos vocabulos.

Da *sentença* é que deve partir a analyse, porque é a fórmula global, a synthese das idéas que se relacionam, que se combinam na expressão de cada pensamento. E' exactamente na escola primaria que mais convém o ensino da lingua nacional, partindo da sentença, para a proposição, para a phrase, depois para os vocabulos, porque a criança não comprehende, a principio, as cousas senão no conjuncto dos seus elementos, produzindo fórmulas inteiras, que ella percebe em globo como um corpo unico, sem discriminação das partes constituintes. Assim é que ella percebe e concebe os animaes, as plantas e todas as cousas da natureza. A sentença, como um todo de expressão, é que ella conhece e já usa praticamente nas suas relações de linguagem, sem destacar nem verificar as partes componentes. Essa verificação é uma operação posterior, que ha de vir opportunamente quando se fizer necessaria.

Assoberbada pela complicada classificação e nomenclatura que as grammaticas modernas crearam para a *analyse logica*, é talvez que a professora consulente tanto extranha e se admira de se permittir a uma criança a pratica das sentenças, precedendo ao estudo indivi-

dual dos vocabulos. Entretanto é tão simples e natural este processo de ensino, que bastaria uma experiencia na sua classe para a professora verificar e se convencer do seu bom resultado, abandonando de vez o que tem seguido até agora.

Desde o primeiro dia de aula o pequeno aprendiz de portuguez fica sabendo que cousa é uma sentença, ouvindo e repetindo as da professora, e elle proprio, prazenteiramente, as irá compondo, oraes e escriptas, si ella fôr habil em proporcionar-lhe assumpto da sua pratica e predilecção. Dahi a distinguir os factos de cada pensamento (proposições da sentença) não vai muito trabalho mental, porque elles se imporão em evidencia á intelligencia dos alumnos, quando a professora lhes ensinar pela primeira vez a enumeral-os pelos *verbos*, onde se acha a sua expressão fundamental.

Imaginemos escolhido o assumpto de um desastre de bond, que a professora tenha contado aos alumnos. Todos da classe farão oralmente a sua sentença, obedecendo cada um á impressão recebida.

Uma das sentenças produzidas foi esta que se destacou para estudo de toda a classe, no quadro negro: *Quando entrava hontem na rua das Laranjeiras, o bond de Aguas Ferreas saltou dos trilhos, intorrompendo durante meia hora o transito dos outros carros*. Sem necessidade de muito termo difficil de analyse logica, a professora insinuará a verificação dos tres factos — *a entrada do bond na rua, o salto para fóra dos trilhos, a interrupção dos bonds* — e ahi terão os alumnos a noção das proposições, como elementos parciaes da sentença, as quaes serão depois comparadas pelo seu valor expressivo, distinguindo-se o facto principal, que é o *salto do bond*, dos dois outros — o momento do salto e a consequencia do salto, sendo aquelle a *proposição principal* e estes as *complementares*.

Ahi terão os pequenos aprendizes noções de portuguez para os primeiros mezes de estudo, emquanto se exercitam na pratica de construir sentenças, oraes e escriptas, de duas, tres e mais proposições, e na de as distinguirem nos trechos literarios, mais faceis. Poderão já tambem compôr as suas pequenas narrativas, pontuando-lhes as sentenças por imitação das que diariamente observam

nos modelos mais simples de boa prosa corrente.

Familiarizados com a proposição principal das sentenças, os alumnos com a maior naturalidade apontarão o seu *verbo*, e, conhecido este, todos os elementos da sentença se esclarecem e determinam, porque todos elles dependem ou se referem a essa expressão capital do pensamento.

Sómente uma analyse assim methodisada e simples pode conduzir o estudante a interpretar as composições literarias e a executal-as elle proprio, que outro não pode ser o objectivo da *analyse logica*, hoje tão pouco accessivel á intelligencia dos que iniciam, na escola primaria, o estudo da lingua patria.

Rio de Janeiro, 11 de Janeiro de 1923.

A. JOVIANO

## Sciencias physicas e naturaes

3º ANNO

Antes de entrarmos no desenvolvimento da lição que constituirá este artigo, vêm a proposito algumas observações.

Não ha professor que não saiba, pelo menos por experiencia propria, que um dos factores principaes, senão o mais importante, para a aquisição de um conhecimento, é a attenção, isto é, a concentração de todas as nossas forças intellectuaes em um mesmo ponto.

Sem isto, escutaremos sem ouvir o que nos disserem, olharemos apenas e não veremos o que se nos apresentar á vista, emfim todas as cousas passarão superficialmente pelo nosso cerebro sem que lá deixem nenhum traço firme, visto como mal impressionaram os nossos sentidos.

Desde que o individuo reconheça a vantagem do «prestar attenção», tudo irá bem, porque elle empregará todos os seus esforços no sentido de o conseguir.

Isto, porém, só se póde dizer relativamente ao adulto, em que esse esforço já se transformou em habito.

Mesmo assim, quantas vezes no correr de uma leitura quicá interessante e proveitosa, não nos surprehendemos di-

vagando, vivendo num mundo de felicidade suprema, ou acorrentados a uma determinada idéa?!

Não é pois de estranhar que a creança para quem tudo é novidade, para quem a variedade é tudo, e que ainda não tem, por assim dizer, a compreensão nitida do que é preciso fazer, sinta dificuldade em concentrar as suas faculdades de apprehensão numa determinada ordem de cousas.

Está, portanto, da parte do mestre saber captivar a atenção dos seus pequenos ouvintes e, por meio de repetidas e indirectas solicitações, acabar por habitual-os a esse esforço, preparando-os para as futuras lidas escolares.

Salta aos olhos que só uma aula variada e em que os sentidos da criança sejam a todo o instante impressionados, poderá preencher os fins a que se destina.

Não ha materia que mais auxilie o professor do que a physica.

Ahi pode elle lançar mão, a todo o momento, das experiencias que tanto agradam pela variedade e pelo papel activo que, muitas vezes, exerce o alumno.

Quem escreve estas linhas ainda se recorda, com saudade, das horas agradaveis que passava quando, alumna da Escola Normal, assistia ás aulas de Physica e Chimica. Este mesmo prazer tem notado nos seus alumnos todas as vezes que se utiliza desses meios para ministrar conhecimentos. E' verdade que em muitas occasiões é quasi impossivel a pratica de experimentações, dada a falta deapparelhos de que dispomos, mas as crianças são tão faceis de contentar que muitos delles podem ser arranjados mesmo em casa, com um pouco de boa vontade.

E, quando isto não é totalmente possivel, tem ainda o professor o recurso do desenho que deve servir de auxiliar no ensino sempre que haja occasião.

Feitas que foram estas considerações, entremos no desenvolvimento da aula, que versará sobre:

*O ar; composição, importancia; combustão; combustiveis.*

Estando a classe reunida, a professora, por meio de uma palestra habilmente conduzida, irá levando os alumnos á noção da existencia do ar em toda a parte. Assim, por exemplo:

—Nós estamos todos aqui reunidos nesta sala onde ha muitos objectos, não é verdade, Alice?

Diga-me quaes os objectos que você encontra aqui.

—A mesa, a cadeira, os quadros-negros, as carteiras... responderá a alumna.

—Muito bem; alem desses, você não vê mais nenhum corpo. Quer dizer que, si retirassemos a mesa, as carteiras, etc. a sala ficaria vazia?

—Ficaria, sim, senhora.

—Tome agora um caderno, Enéas, e abane com elle o rosto de Alice.

Que sentiu você, Alice?

—Senti vento.

—E' isto mesmo, sentiu qualquer cousa passar pelo seu rosto, mas não viu nada. Ha cousas que nós sentimos mas que não vemos. Assim é o ar atmosphérico que nos cerca, que enche esta sala, que está em toda a parte.

Si retirassemos todas as cousas que aqui se acham, a sala não ficaria vazia, conteria um corpo: o ar. Pelo que vocês verificaram, este ar não é percebido quando parado, mas, desde que seja posto em movimento, immediatamente se faz sentir.

Olhe agora você, Sophia, para o céu. Elle hoje está limpido; por que?

—Porque está sem uma nuvem! Está azul.

—Pois aquelle azul que vocês vêm é formado por uma grande quantidade de ar; o ar em muita quantidade toma a côr azul. Isto não os deve surpreender, porque tambem acontece com a agua que, em pequena porção, não tem côr.

Vejamos agora outra cousa. Todos os corpos que vocês conhecem têm peso.

O ar, sendo um corpo, terá peso?

—Eu não sinto peso, professora, mas acho que deve ter.

—E tem razão, Luiz. O ar tem peso e ha um aparelho com que se prova isto. Eu teria muito prazer em lhes apresentar este aparelho, mas, como isto não é possivel, vou desenhá-lo no quadro e explicar como se faz a verificação.

(A professora desenhárá o melhor possivel o balão de vidro com engaste metallico, explicando como o utiliza. Terá de tocar então na machina pneumática, cuja utilidade explicará).

—De modo que, recordando, vimos que o ar...

—Em grande quantidade toma a côr azul, tem peso e em movimento forma os ventos.

—Perfeitamente. Passemos adiante. Nós estamos agora bem dispostos nesta sala; sentimo-nos bem aqui.

Mas si eu mandasse fechar as janelas e as portas, ou se aqui se agglomerasse muita gente, continuaríamos a nos sentir bem?

—Não, senhora; ficaríamos com falta de ar, não poderíamos respirar direito.

—Quer então isto dizer que o ar é indispensavel á nossa vida. Si nos taparem o nariz e a bocca por algum tempo, morreremos.

E assim como elle nos é indispensavel, tambem o é para os vegetaes, para todos os seres vivos emfim.

Este corpo de que tanto temos falado: o ar, não é um corpo simples, é composto de 2 gazes.

(Estudará então a professora a composição do ar; não entrando, porém, em grandes pormenores.

Ensinará que dos dois gazes o mais importante é o oxygenio por ser necessario á vida).

—Mas o ar, continuará ella, não é somente indispensavel á vida. Si não houvesse ar, muitos phenômenos importantes não se dariam.

Vêm vocês aqui esta vela?

Mathilde vae accendê-la.

Enquanto houver pavio e espermaceti a vela deve arder. Tome agora Mathilde este copo e emborque-o sobre a chamma. Vejam o que vae acontecer.

Mathilde, com certo receio, toma do copo e obedece.

Durante alguns instantes, a classe tem os olhos fitos na chamma que, pouco a pouco, vae apagando.

Neste ponto é fatal a exclamação:— Apagou-se a vela!

—E' verdade. Ella se apagou porque foi gastando o ar que havia no interior do copo; não havendo mais ar, não pôde haver queima, combustão. Sem ar não ha combustão porque é o oxygenio que a alimenta.

Toda a vez que se dá uma queima, desprende-se um gaz muito venenoso: o gaz carbonico.

Este corpo introduzido no nosso organismo pode causar a morte. E' por isso que não devemos dormir em quartos completamente fechados, onde se encontra ardendo uma vela, ou um bico de gaz. Mas no nosso proprio organismo existe

este corpo, produzido pelos trabalhos diversos que ahi se passam e é por isso que nós respiramos.

Pela respiração introduzimos nos nossos pulmões oxygenio e expellimos o gaz carbonico.

(Bem sabemos que a isto não se pode realmente dar o nome de respiração, mas como cremos firmemente que na escola primaria as crianças não podem apprehender a verdadeira noção de respiração, continuaremos a dar este nome ao que não passa de uma ventilação pulmonar).

Explicará então a mestra como se dá a troca de gazes, aproveitando a occasião para mostrar de que se compõe o aparelho respiratorio.

—Vejamos agora si é possivel provar que realmente existe gaz carbonico no nosso organismo.

Tomemos um copo com um pouco d'agua.

Misturemos agora com a agua um pouco de cal. Para que não haja duvidas passemos a agua para um outro copo, deixando no fundo deste aquelle residuo branco que vocês vêm.

Tome agora o Floriano este canudinho de bambú que o Luiz trouxe e por elle sobre dentro da agua. Que vêm vocês?

—A agua está ficando turva.

—Pois quem está turvando a agua é o giz, corpo que se formou da combinação da cal com o acido carbonico.

De onde viria o gaz carbonico?

—Do Floriano.

—E' isto mesmo, veio do organismo do Floriano e, si elle não o expellisse, morreria.

Poderá então a professora falar no phenomeno da asphyxia, ensinando como se deve proceder para com um asphyxiado.

Uma vez bem firmados no espirito das crianças estes conhecimentos, poderá então a mestra entrar no estudo dos combustiveis.

Partindo da idéa de combustão é facil fazer com que os alumnos cheguem á noção de combustivel.

Fará então a divisão dos combustiveis em naturaes e artificiaes.

Entre os primeiros estudará: o carvão de pedra ou hulha, a madeira, a turfa e o petroleo.

Destacando cada um delles e apre-

sentando aos alumnos amostras, si tanto for possível, irá ensinando em que partes do mundo pode ser encontrado, como é obtido, falando tambem nas suas applicações, dado seu maior ou menor poder calorifico.

Tratando da hulha, poderá contar a lenda que explica a sua descoberta, descrevendo de modo succinto uma mina e sua exploração, não esquecendo principalmente de falar nos seus derivados: pixe, gaz de illuminação e coke.

Entre os artificiaes citará o coke, cuja obtensão já devem as crianças conhecer do estudo da hulha, o carvão animal e o carvão vegetal.

A respeito do primeiro (carvão animal) falará no emprego que delle se faz na purificação de xaropes e da propria agua, dada a sua porosidade.

Do segundo, conhecidissimo pelas crianças, dirá além de outras cousas, como o obtêm por meio de *medas*.

HELENA MOREIRA GUIMARÃES.

## Através das revistas

### O MEDO

Tem-se pretendido ver no medo a forma defensiva do instinto de conservação de que a colera representaria o aspecto offensivo. Ha um medo natural, instintivo, anterior a experiencia (como o dos pintos recém-nascidos que se refugiam tremendo sob as azas maternas apenas surge nos ares a ave de rapina) e um medo mais artificial, posterior á experiencia, causado pela representação viva e persistente de um mal ou de uma dôr possíveis, (por exemplo, o do gato esaldado que d'agua fria tem medo). Notemos, acerca desse temor secundario ou adquirido, o élo que o prende á memoria affectiva e á imaginação. Teremos occasião de lembrar mais de uma vez que a imaginação é a grande obreira do medo.

O receio é, nos casos mais simples, uma reacção natural, uma adaptação ao perigo, um freio; inspira a prudencia, predispõe para a providencia e para a circumspecção. E', em certo sentido, um começo de sabedoria.

Mas, quasi sempre, a reacção do medo é tão excessiva, o choque que o caracteriza é tão violento, que mais depressa contribue para a destruição do individuo ou da especie do que para a sua conservação. Si, como simples observador, não considerarmos o medo sob o ponto

de vista de sua finalidade, havemos de ver nelle um sentimento morbido e, talvez, uma verdadeira molestia.

As perturbações organicas que elle produz são manifestas. O sangue, deixando a pelle e as extremidades, arroja-se para os centros nervosos que congestiona e perturba; o rosto empallidece; o corpo se cobre de suor frio; o coração bate precipitadamente; o pulso se accelera; a respiração torna-se difficil e agustiosa; ao mesmo tempo ou se paralytam os musculos—o individuo estaca no logar onde se acha, perde a voz a ponto de não poder produzir um som—ou elles se excitam e as mãos tremem, as pernas bambeiam, etc. E' nos casos extremos, um aniquilamento, uma sideração que pôde ir até a syncope e á morte.

Nesse estado de debilidade organica, a tensão psychologica tambem decresce, o espirito segue o corpo no seu abatimento. A memoria desaparece, a coordenação das idéas e a reflexão se perturbam, o raciocinio escurece. O ser humano fica como louco, não passa de um pobre animal victima de actos reflexos.

A que fica reduzida então a vontade? Ella se enfraquece até desaparecer totalmente nos casos graves.

Assim o medo produz uma visivel depressão—uma queda subita de nosso organismo physico e de nossa personalidade intellectual e moral. Abate nossa vitalidade e, por isso, diminue o nosso poder de resistencia ás molestias. Todos sabem que em tempo de epidemia, os medrosos são os primeiros attingidos e morrem mais depressa ou, pelo menos, têm cura mais demorada. Larrey diz que os feridos de um exercito victorioso. Não ha quem diga que a raiva é mais um effeito do medo do que da mordedura do cão? Em todos os casos, o dever do medico não é desde logo levantar o moral do enfermo? Os doentes imaginarios chegam a soffrer males reaes. A mania de perseguição não é senão um medo que desnatura tudo, interpreta tudo para o mal, faz ver inimigos por toda parte. Que dizer do contagio do medo que pôde transformar, rapidamente, uma reunião de gente forte e sisuda ou um exercito disciplinado em uma multidão disposta a todas as ferocidades e capitulações? Portanto, o medo é bem uma molestia.

A criança é naturalmente medrosa. Tem medo de tudo! medo dos barulhos a que não está acostumada, das pessoas que não conhece, dos objectos moveis e immoveis, das sombras, dos animaes, do sangue; medo de cahir, quando ainda pequenino mal se mantém de pé, ou, quando mais crescida começa a andar; medo da escuridão nocturna, dos quartos escuros, dos buracos, das ruinas, dos subterraneos que a sua imaginação povoa de monstros e os quaes lhe apparecem até nos sonhos, etc. O medo nesse organismo fragil pôde occasionar males horribes, taes como perda dos sentidos, paralyisia da palavra, palpitações, convulsões, choréa e mesmo loucura.

O medo pôde ser hereditario ou provir de um temperamento especialmente sensivel ás emoções, ou ainda, como mostraremos mais tarde, de uma má educação. Mas é quasi sempre producto da imaginação. Esta «mãe do erro e da illusão», erige as pequenas cousas em

montanhas, approxima perigos longinquoos, dá como presentes os que são simplesmente possíveis; faz durar os que já se foram, povoa de perigos o desconhecido, ás cousas novas empresta apparencias horribes, cega-nos, humilha-nos, torna-nos pusillanimes, covardes. O maior philosopho do mundo, diz Pascal, achando-se sobre uma taboa, por mais larga que seja, tendo debaixo de si um abysmo, por mais que a sua philosophia o convença de que está seguro, a sua imaginação não o deixará descansar.»

A imaginação, geradora do medo, pôde não ter senão uma influencia muito ligeira sobre o homem maduro e de raciocinio desenvolvido que possui, para oppôr ás suas suggestões, o habito de reflectir e de conter as suas impressões. Este espirito positivo e critico diminue o poder da imaginação e impede a sua continuidade. Dá-se assim o que os psychologos como os chimicos chamam uma «reducção» isto é, uma diminuição de poder e de força.

As depressões mentaes se corrigem graças á experiencia, ao raciocinio, ás noções precisas, exactas que se tem das cousas ou pessoas, etc.

A criança treme diante do mascarado de que o moço se ri. O ignorante pasmará diante do fogo-fatuo em que o homem culto não verá senão chammas produzidas pela combustão dos gazes desprendidos das materias, organicas em decomposição. «E' a sciencia que elimina o medo», oppondo as realidades conhecidas ás illusões mysteriosas.

Mas estas «reducções» não existem para a criança. Ella sabe pouco e critica menos. Não tendo a imaginação nella nem freio nem contrapeso, empolga-a, tornando-a em muitos casos a presa das suas phantasmagorias e caprichos. A' vista disso, logo se conclue que o primeiro dever dos paes e educadores (fóra dos cuidados physicos que dão uma base solida ao systema nervoso) é prevenir o mal, afastando as causas que o podem fazer nascer ou desenvolver. Deve-se empregar todo o esforço em não applicar o medo como meio de coacção, chamando em nosso auxilio os papões, as almas do outro mundo, as bruxas, os lobishomens, os phantasmas, etc. Porque pintar o quarto escuro como um logar cheio de horrores? A verdade deve ser a nossa suprema lei até nas mais infimas cousas. Será realmente util de ameaçar de intervenção de policia ou dar ao professor ou inspector o papel de espantallo?

Que máo instinto nos leva a povoar o mundo das crianças de horrorosos espectros e malfeitores e offerecer de todos os lados a cabeça de Medusa a seus olhares? Este ser franzino e delicado deveria desenvolver-se numa atmospheria de calma e confiança, de segurança e doçura. O pae de Montaigne despertava-o de manhã, ao som do violino para que elle não fosse bruscamente arrancado ao somno, o que poderia perturbar o seu cerebro ainda tenro. Esta precaução é sem duvida excessiva, mas não deixa de ser uma indicação e um symbolo.

A imaginação infantil, tão vivida, tão excitavel, tão predisposta a tudo transformar e deformar deve ser encaminhada pelo raciocinio. E' mister appellar constantemente para a sua razão, mostrando-lhe que seus temores são na maioria dos casos infundados e que os perigos de que foge são quasi sempre uma criação de sua phantasia. Vamos juntos a este quarto,

dir-lhe-emos quero mostrar-te que nada ha nelle que te possa causar medo; e com effeito, convencemol-a disso. O recurso á evidencia e ás percepções reductoras dos sentidos é a primeira regra da therapeutica do medo. A segunda seria observar neste cuidado, uma prudente gradação. Cumpre preparar as transições, familiarisar a criança, pouco a pouco, com as cousas que ella teme, habitual-a, por exemplo, a ver animaes repugnantes e feios, a principio de longe, depois de mais perto. Amimemol-os diante della, façamos com que outros tambem os amimem e por fim a convidemos para tocal-os e depois animal-os, por sua vez. Si tem medo de mascarados, mostremol-lhe a principio, um simples nariz falso, em seguida uma mascara bonita e, rindo, colloquemol-a, no nosso rosto, tiremol-a colloquemol-a de novo até que a criança se divirta realmente com isto. Depois nos poderemos servir de mascaras cada vez mais feias e com satisfação veremos que ella acabará se acostumando ás mesmas e assim eliminaremos todas as causas do seu medo.

A intrepidez é, quasi sempre, o resultado do habito e da educação. Pode ser tambem fructo da imitação e da suggestão. Os paes e os professores, em presença de uma ameaça ou de um perigo não devem perder a cabeça. Cumpre-lhes offerecer aos filhos e aos alumnos o exemplo, sempre contagioso, da calma e do sangue-frio. O mesmo se pôde dizer da solicitude de que são cercados, no caso de molestia ou accidente, nunca lhe devem dar uma nota inquietante ou alarmante. O meio de fazer poltrões é dar importancia exaggerada á menor ameaça e partilhar os receios e terrores menos justificados. Reage-se contra a pusillanimidade natural, appellando, algumas vezes para o ridiculo, vezes outras, para o amor-proprio. Dá-se coragem ao proximo, dando-lhe a impressão de que se não duvida da sua. Assim lhe diremos: «Em taes circumstancias, um outro teria medo, mas tu, que és um valente, não o tens.» A força de repetir a uma criança que ella é corajosa, ella o fica sendo.

Todo ser vivo é mais ou menos sujeito ao medo e curar este mal não será extingui-lo, será dominal-o, será habituar o individuo a fazer, ainda que temendo, tudo que o dever impõe. Alexandre da Macedonia fazia sacrificio ao Medo, antes de ir para as batalhas e são conhecidos os exemplos de Henrique IV, Turenne, Luxembourg, Lannes e tanto outros guerreiros, celebres por uma coragem que não era verdadeiramente senão o triumpho da vontade sobre os perigos que os cercavam no momento de enfrentar o inimigo.

Final, pôde-se corrigir o medo? Pôde-se dominal-o como todas as fraquezas, combatel-o como todas as paixões e todos os vicios e pelos mesmos meios. E' uma questão de educação e, sobretudo, de educação da vontade e da atenção. O medroso deve, acima de tudo, manter em seu espirito a ideia do respeito a si mesmo, lembrando-se que este seria compromettido pela falta de coragem. E' preciso que a criança se envergonhe de ter medo. Nosso lemma não varia: «em todas as circumstancias deveis ser um homem.»

A educação viril é o melhor remedio para a molestia do medo.

HELENA.

# ESCOLA NORMAL

## HISTORIA GERAL

### Roma e o Christianismo

Era, realmente, deploravel, sob diferentes aspectos, a situação em que se encontrava a sociedade romana, quando as trombetas annunciavam o nascimento do Filho do modesto carpinteiro, que vinha ao mundo para corrigir os homens, orientar-lhes as inclinações, educar-lhes as faculdades intellectuaes, deturpadas por falsos ensinamentos, e oferecer-lhes ainda, como recordação immarcessivel da sua jornada terrestre, uma sublime moral. A crise, que assolava a sociedade romana, a qual se ia extinguindo, devorada pelas labaredas de uma fogueira, que era alimentada pelas perfidias das mulheres despudoradas e pelas indignidades dos homens sem escrupulos, aggravou-se consideravelmente, depois que Octavio colleu os louros de Actium.

Nos primeiros tempos de Roma, a mulher, embora não gozasse de grande autoridade no seu lar, sabia, comtudo, impor-se á consideração geral, porque a sua conducta era irrepreensivel.

Lucrecia, esposa de Tarquinio Collatino, preferiu suicidar-se, para se não apresentar humilhada perante o seu esposo e a sociedade que a respeitava; e o seu gesto de altivez repercutiu nas camadas populares, que mudaram a fórma politica de Roma, enxotando daquella cidade Tarquinio Soberbo e a sua familia. Cornelia enviuvou, em plena mocidade mas, sua unica preocupação consistia em educar seus filhos,—aquelles que se tornaram, depois, os defensores das classes opprimidas, os irmãos Gracchos—sentindo, mais tarde, o grande contentamento de vel-os firmes no cumprimento das suas obrigações. Infelizmente, porém, taes exemplos de altivez e de civismo não mais eram observados pelas romanas, que trocavam a tranquillidade domestica pela vida agitada e perigosa dos theatros, das thermas, do campo de Marte, do templo da *Boa Deusa*, isto é, abandonavam os deveres inherentes á sua situação conjugal, para frequentar diversões, que não

podem ser narradas em aulas destinadas á moças.

Rara era a romana, principalmente, si pertencia ás mais elevadas classes sociaes, que não destruia, nas suas entranhas, o pequenino ente que ensaiava seus movimentos; outras, talvez mais ignorantes, não hesitavam em distribuir os seus filhos recém-nascidos, mandando cria-los longe das suas vistas e recusando-se, mais tarde, a recebe-los. As mulheres trocavam de maridos e estes, por seu turno, não se pejavam de substitui-las por outras, com uma naturalidade ir-rivalizavel; pois, aquellas uniões se não alicerçavam no amor, que identifica os pensamentos e ideaes dos conjuges, robustecendo-lhes a coragem para os embates da vida, desenvolvendo-lhes a fé para vencer as vicissitudes e proporcionando-lhes alegrias, quando se manifestam os signaes da chegada do outomno da vida; eram, antes, inspiradas em inconfessaveis interesses de momento, de sorte que se dissolviam, uma vez que eram attendidos nas suas espurias ambições. Mecenas, o poderoso ministro de Augusto, teve mais de uma dezena de mulheres, e não se vexava de justificar a sua conducta, allegando motivos, que não eram previstos na legislação, mas, que consultavam aos seus interesses. O divorcio, que prejudica, consideravelmente, a mulher, enfraquecendo os fundamentos sociaes, era a lei commum em Roma, onde as mulheres, desvairadas pelo luxo e seus funestos effeitos, se esqueciam das suas impreteriveis obrigações moraes.

Rara, rarissima era a romana de então, que não tivesse tido cinco maridos; mas, tal era o despudor, que predominava naquella sociedade envilecida, que se não odiavam os conjuges desquitados, mantendo, ao contrario, relações amistosas, que os reuniam nos espectaculos publicos para participar de folganças condemnaveis. Triumphava o despudor, e a mulher, talvez sem o compreender, não passava de vil instrumento daquelles homens desfibrados, que as traziam sob um captivo humilhante e cruel. Não tinha limites a perversão dos costumes, e o proprio imperador Augusto, que pro-

mulgou a celebre lei Pappia Poppéa para impedir os divorcios e moralisar a familia, foi o primeiro a transgredi-la, em se casando com Liviá, que era casada e estava prestes a experimentar as doçuras da maternidade.

A lei Pappia Poppéa, escreveu Tacito, não fez crescer os matrimonios, augmentou apenas a tyrannia das delações. A vergonha não subia áquellas faces romanas desbotadas pelos vicios e orgias; pelo contrario a lei Pappia Poppéa, correu para o augmento da desmoralização. Queriam-se filhos, fosse como fosse, para haver o direito de herdar e para outros privilegios. Quando o lar os não dava, encomendavam-se. «A maternidade, racionavam ellas, nos seus devaneios, não só diminue a belleza physica da mulher, como a priva dos divertimentos publicos, logo convinha evita-la de qualquer modo; e, para a realização daquelle abominavel crime, não trepidavam em ingerir philtros ou sujeitar-se a curas perigosas.

O Theatro era a grande attracção da romana; e não é difficil descobrir as razões da sua predileção por aquelle genero de diversões: no palco só se glorificava o vicio, só se entoavam canções licenciosas, só se admittiam dansas obscenas.

As representações de Laberio, que adaptou á mimica a satyra politica e do liberto Syro, que imaginou a satyra social, não tinham concurrencia, porque a multidão se agglomerava no theatro de crystal construido no tempo de Julio Cesar, nos theatros de Curião, no de Ballo que tinha capacidade para 20.000 pessoas, no de Pompeu, iniciado por Augusto e inaugurado por Caligula, no de Marcello, cujos espectaculos se compunham de pantomimas, dansas e recitação de poesias do poeta Sotades, que no conceito de Quintilliano excediam á qualquer critica. Se a mulher, dizia Martial, entrava virtuosa no theatro, saía dali pervertida, porque presenciava infamias que deshonoravam. O poeta Ovidio, commentando as infamias do theatro romano, assevera que as mulheres se precipitavam nelles como legiões de formigas ou enxames de abelhas». E, para caracterisar, ainda, a degradação dos costumes daquella quadra, convém recordar que os dansarinos e palhaços chegaram a gozar de um grande prestigio social. Os aro-

mas do celebre Marceliano, as cabelleiras da loja do Felipe, a purpura de Tyro, que se vendia no Velabro, eram disputadas por preços exaggerados, pois, tornava-se necessario á romana usar daquelles adornos e artificios para conquistar os homens endinheirados e acompanhá-los nos theatros, nos passeios no campo de Marte, onde se exhibiam nas luxuosas carruagens, de rodas de marfim, lanças de prata e redeas de purpura.

Não dispensavam o vinho de Secia nas refeições matinaes, talvez para lhes estimular as forças, uma vez que Martial costumava dizer que algumas gottas do dito vinho de Secia incendiariam a neve. Eram-lhe familiares a *Arte de Amar*, de Ovidio, as *fabulas de Urleto*, o *Espelho de Lais*, as poesias de Tibullo, de Propercio, de Cornelio Gallo e as leituras, que só serviam para alimentar as suas vaidades e caprichos, ensinando-as a ser astuciosas e a enganar os incautos que lhe entregavam as chaves dos seus cofres. O poeta Horacio, a despeito da protecção que lhe dispensavam Augusto e Mecenas, não pode sopitar a sua indignação pelo que via e observava, manifestando-a na Ode VI do livro III; transcrevo-a aqui para que se não acoime de exaggerada as phrases que iniciaram a presente licção.

«O seculo em que vivemos é fecundo em toda a casta de vergonhas: pollue a santidade do matrimonio, corrompe as raças, abastarda a familia.

«Não é destas raças que saiam os antigos romanos. Nossos paes valiam menos que os nossos avós. Nós valemos menos que os nossos paes, e daqui a pouco daremos o ser a filhos que hão de valer menos do que nós».

A bajulação era praticada sem rebuços, e os poetas, principalmente, esmeravam-se na arte de agradar os imperadores e de justificar os seus dispauterios. Virgilio, si não houvesse escripto o *Tu Marcellus eris*, por certo, que não teria recuperado as herdades paternaes, confiscadas no regimen do segundo triunvirato. «Uma só palavra do divino Augusto, escrevia o poeta Cornelio Gallo, é mais poderosa do que os fados reunidos.»

O escravo era opprimido; não podia balbuciar palavras de protesto ou de defesa propria; cabia-lhe, tão só, submeter-se á crueldade dos seus senhores. Soprava, portanto, na Roma imperial, o furacão da licenciosidade requintada, que



servia de apoio ao throno dos imperadores; era palpavel o grau da decadencia moral do povo romano, cujos representantes no senado, nas letras, nas milicias praticavam as maiores villanias e homologavam as torpezas imperiaes.

Não se conhecia a fraternidade humana, e a familia era organizada de uma maneira que não podia despertar a solidariedade entre os seus membros, mantendo-os, apenas, unidos pelas necessidades da dormida e da comida.

O pater-familias dispunha de uma illimitada autoridade na sua casa, governando-a, discrecionariamente; era-lhe licito abandonar os filhos nas vias publicas, mata-los, quando assim o entendesse, sem prestar contas a ninguem dos seus actos, apoderar-se dos recursos pecuniarios, educando-os numa atmospheria de terror. O criminoso, qualquer que houvesse sido o movel do seu crime, era barbaramente suppliciado, pois a pena era applicada como recurso de vingança social.

Jesus-Christo ergueu a sua voz contra aquelles abusos, que retardavam o progresso da sociedade e emprestavam ao homem um papel secundario na sua cidade natal e estabeleceu as bases da sua imperecivel e confortadora philosophia, a qual desperta no homem o desejo de ser honesto e util ao seu proximo.

Mostrou Jesus-Christo ao homem que a mulher deve ser uma sua collaboradora na direcção do lar, devendo-se, para se alcançar tão magnifica cooperação, afasta-la de meios nocivos á sua saude physica e moral e educa-la ainda nos preceitos da sua inegualavel moral; mostrou Jesus-Christo que a corrupção de costumes em que vivia a mulher, acarretaria a ruina da sociedade, que ficaria despovoada de mães zelosas dos seus deveres; mostrou Jesus-Christo aos gananciosos e aos desalmados, que exploravam o seu proximo, que a escravidão se não fundava no direito natural, mas, exclusivamente na ambição de mando e de riqueza; mostrou Jesus-Christo que as creanças deveriam merecer todo o carinho, todo o desvelo dos seus paes e da propria sociedade, que os não deveria desamparar, uma vez que lhes faltavam a robustez physica e a experiencia do mundo para não serem ludibriadas pelos astutos; mostrou Jesus-Christo ao homem que lhe não é possivel viver na incredulidade absoluta, porque a fé o impelle a pratica de acções louva-

veis, encoraja-o para enfrentar os golpes do infortunio, torna-o caridoso para com o semelhante, que geme e aneia por auxilio, e o não deixará, jamais, commetter uma acção capaz de prejudicar outro ser.

A moral do Divino Mestre melhorou as instituições sociaes e politicas do mundo; substituiu a legislação, que se inspirava nos interesses de occasião, por codigos, que visam garantir os direitos do cidadão e acoberta-los de qualquer golpe de audacia ou de astucia; imprimiu ao direito de punir uma nova orientação, porque attribuiu á pena uma funcção educadora; condemnou o divorcio, porque o considera attentatorio á organização da familia, prejudicial aos direitos da prole e lesivos á tranquillidade publica; evitou que a humanidade se arruinasse, totalmente, nos delirios da Roma imperial, offerecendo-lhe meios efficazes de fugir daquelle oceano de impudicia e de orientar as suas inclinações e pendores em beneficio do seu proprio aperfeiçoamento moral.

Irritaram-se, portanto, contra a pureza das suas doutrinas os que estavam alcançados nas melhores posições sociaes e se valiam do seu prestigio para commetter toda a sorte de indignidades e de attentados ás liberdades individuaes, e enredaram-n'o num processo, cujo epilogo foi a sua crucificação, que era a pena que se applicava aos criminosos da peor especie, que não gozavam das regalias de cidadão romano. Semelhante monstruosidade foi decretada por Pontius Pilatos,—a encarnação do juiz pusillanime, que profere suas sentenças para attender aos reclamos de uma multidão, adredemente amotinada, embora sinta o remorso espicaçar-lhe a consciencia; mas, aquelles que o acompanhavam nas suas palestras e sermões mantiveram-se firmes nas suas convicções e cuidaram de propagar com entusiasmo a confortadora e sublime philosophia do Calvario, pautando seus actos naquelles salutaes ensinamentos.

Si me sobrasse autoridade para aconselhar as minhas alumnas, eu não hesitaria em recommendar-lhes a observancia dos preceitos da moral catholica, uma vez que estou plenamente convencido de que a humanidade lucraria enormemente si a praticasse quotidianamente, por isso que aquelle que teme a Deus e cuida de obedecer-lhe aos mandamentos.


será, sempre, um elemento de inestimavel valor na sociedade; fugirá, consciencientemente, daquelles meios polluidos por vicios horrendos e caminhará pela estrada do dever, amparando o seu proximo, espalhando a instrucção, recommendando a caridade, combatendo pela justiça,

supportando com resignação as provações e perdoando aquelles que o offenderam.

ALFREDO BALTHAZAR DA SILVEIRA.

**Todo o genero de artigos**

Para



**Senhoras, Homens, Creanças e para Casa**

**ESPECIALIDADE EM UNIFORMES E ENXOVAES PARA COLLEGIAES**

**“Casa Cirio”**

Grande sortimento de artigos dentarios, perfumarias e cutilaria fina.  
Importação directa dos Estados Unidos e Europa

**JULIO BERTO CIRIO**  
Rua do Ouvidor N. 183  
RIO DE JANEIRO  
Telephone Norte 3117 — End. Tel. Cirio  
Caixa Postal n. 15

**Floricultura Brasileira**  
**W. LINS & C.**

Flores naturaes, Ornatações para festas, Corôas, Bouquets e Corbeilles

**ARTE E BOM GOSTO**  
RUA REPUBLICA DO PERU' 53  
antiga da Assembléa  
Chacaras em Petropolis, Theresopolis e Jacarépaguá  
Tel. Central 1870 Rio de Janeiro

**Casa das Novidades**

**LUVARIA GOMES**

*Meias, luvas, leques, bolsas, carteiras, rendas, fitas, colares, pulseiras, brincos e chapeos para meninas e senhoras*

A's Exmas. professoras municipaes faz-se o desconto de 10 %

**38, TRAVESSA S. FRANCISCO, 38**

# III = LIÇÕES E EXERCÍCIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

## A Bandeira

No dia 19 de Novembro

Meus alumnos.

Era habito, desde que instituida foi, no Districto Federal, a Festa da Bandeira, serem distribuidos pavilhões novos, ás escolas que delles carecessem. Este anno, porém, possivel não foi tal providencia.

Hasteamos um farrapo.

Mas, meus filhos, por accaso esse farrapo é menos digno de respeito e veneração, do que o seria uma bandeira inteiramente nova?

Não! Bem o sabeis!

Não são as côres vivas, frescas, nem a perfeição do pannejamento, que tornam estimavel o symbolo da Patria. Roto, velho, desbotado, representa sempre o nosso Brasil estremecido.

Que importa as chuvas, os ventos, a soalheira inclemente, tenham consumido a louçania das côres e alterado a frescura primitiva desse rectangulo sagrado, onde, com o vosso olhar, concentraes vossas almas infantis?

Que importa? Elle é sempre a representação desse enorme, formoso territorio, legado dos nossos maiores: desse uberrimo solo, capaz, por si só, de fornecer alimento e bem estar a toda a raça humana; dessas immensas e admiraveis selvas—onde a voz de Anchieta repercute ainda pela bocca abençoada de Rondon; dessas mattas espessissimas onde a flora e a fauna, num phantastico esplendor causam a admiração dos naturalistas, pela inexaurivel magnificencia—celleiro intacto ainda d'um Eldorado palpavel.

Elle nos deve lembrar, de continuo, como um incentivo e um exemplo, o devotamento dos que se sacrificaram pela integridade de nosso territorio, dos que, quotidianamente, provaram, num pacifico esforço, cuja gloria inferior não é a dos batalhadores, sinão igual, a sua capacidade adoravel de dedicacão.

Elle nos deve descortinar, acober-

tando-os, como um pallio, esses vultos immortaes, almas impereciveis, ante as quaes as nossas se prosternam—Tiradentes, Frei Caneca, Pedro Ivo, Henrique Dias, José Bonifacio, Caxias, Osorio, Barroso e Tamandaré e outros exemplos de acrysolado civismo; e esse batalhador sublime da Paz—Rio Branco—orgulho de nossa diplomacia e de nossa nacionalidade, encarnação augusta de um patriotismo sereno, apostolo benefico, veneravel, em cujo coração, como chamma immorredoura, palpitou sem vacillações nem interesses mesquinhos esse amor que tanto ennobrece o homem—o amor da Patria.

Scentelha do humano progresso, de onde dimana esse clarão maior e mais profundo, que é o amor da Humanidade—o ideal de Patria é um dos mais levantados que possamos conceber.

Cultivae-o, creanças, dia a dia!

Desgraçada da alma que pela vida passa, sem o sopro vivificador, sem a sublimidade de um nobre escopo.

Seus dias decorrerão inuteis, si não maleficos, tardos, enfarados, dignos de compaixão, a cegueira da alma obscurer-lhes-á todo o prazer nobile da vida, esse goso da consciencia, que promana de uma carreira proficua, productiva—util emfim.

E não é preciso ser heróe para ser util! Sêde esforçados: bons filhos, bons irmãos, bons estudantes—attenciosos e applicados—Desenvolvi em vossos corações o lyrio alvissimo da honestidade.

Ninguem nasce perfeito, mas dever nosso é combater, com afinco, contra o erro, contra as nossas proprias paixões e fraquezas, procurando extirpal-as de nosso ser, como um cirurgião extrahe as excrescencias damninhas de nosso organismo physico.

Sede esforçados! Ha, em cada um de vós embryonario ainda, um cidadão! Venerai a nossa bandeira pelos actos, pelo coração, pela probidade, e tereis cumprido esse dever tão grato de exaltar a Patria, de emprestar novos fulgôres do nosso labaro estrellado.

Quando cada um de nós, manifestar-se um cidadão honesto e util, nenhu-

ma Patria poderá sobrepujar o nosso Brasil, como jamais patria alguma o sobrepujou, pela decantada belleza de suas maravilhas naturaes.

JUDITH GITAHY DE ALENCASTRO

## HISTORIA

4º ANNO

### Orientação pedagogica

Continuação

#### Mem de Sá. Invasões francezas no Rio de Janeiro.

Proseguindo na recordação, deve o professor dizer como era critica a situação do Brasil, quando ahi chegou o 3º governador geral.

Relembre as luctas que elle sustentou com os selvagens e diga que numa dessas luctas Mem de Sá teve o desgosto de perder seu filho, Fernão de Sá; que ainda no seu governo foi a Bahia assolada pela epidemia da variola seguida de um outro flagello: a fome; diga como Mem de Sá se portou heroicamente durante essa quadra terrivel.

Fale em seguida na invasão dos francezes e como Mem de Sá, depois de grandes luctas, conseguiu expulsal-os; diga quaes os personagens que mais se salientaram nessa peleja.

Fale na fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro (20 de Janeiro de 1567).

Finalmente faça o professor com que os alumnos comprehendam o grande papel de Mem de Sá no progresso do Brasil e como é justo o titulo que lheram de Primeiro Pai da Patria.

Passe, em seguida, a falar na invasão franceza de 1710, cujo chefe da esquadilha era Carlos Duclerc.

Explique como Duclerc conseguiu penetrar no Rio de Janeiro; quaes os combates que teve de travar com diversos grupos de patriotas; como procedeu o governador Francisco de Castro Moraes; qual o fim dessa lucta e como depois de vencido, foi Duclerc assassinado, estando esse crime até hoje envolto em grande mysterio.

Diga o professor como a morte de

Duclerc foi fatal para o Brasil, pois a França, indignada, mandou nova expedição ao Rio de Janeiro, sob o commando de René Duguay Trouin.

Fale no procedimento vergonhoso do governador do Rio, Francisco de Castro Moraes, e como a resistencia de alguns brasileiros de nada valeu, pois a lucta terminou com o resgate da cidade.

Diga o professor que Francisco Xavier de Tavora, novo governador do Rio de Janeiro, julgou do procedimento indigno de Castro Moraes, que foi condemnado á prisão perpetua num dos fortes da India.

#### Mauricio de Nassau. Efeitos da segunda Invasão hollandeza. Insurreição Pernambucana.

Depois de ter falado nas invasões francezas, deve o professor explicar aos alumnos que além desses invasores, o Brasil recebeu a visita de outros estrangeiros, entre elles os inglezes e hollandezes.

Não esquecendo que as lições de historia devem ser sempre dadas á vista do globo e de cartas geographicas, faça com que os discipulos comprehendam que a inimizade entre a Hollanda e a Hespanha, sob cujo dominio o Brasil estava, muito concorreu para que os hollandezes o invadissem.

Da 1ª invasão hollandeza fale na organização da companhia das Indias Occidentaes; na esquadra que veio da Hollanda e chegou, a 9 de Maio, diante de S. Salvador (Bahia); nos principaes chefes dessa esquadra; nas phases mais importantes dessa invasão; qual o governador do Brasil nessa época; como os invasores foram derrotados.

Diga o professor aos alumnos que os hollandezes apezar de serem vencidos não desanimaram e organizaram uma segunda esquadra, para, de novo, atacar o nosso paiz.

Explique como era composta essa esquadra; qual o ponto do Brasil escolhido para ser atacado; como Mathias de Albuquerque (Governador de Pernambuco), resistindo heroicamente á invasão, fundou o arraial do Bom Jesus e iniciou as guerrilhas (Companhia de Emboscadas) que tanto perseguiram os hollandezes.

Diga que os varios pedidos de reforços que Pernambuco fazia á Hespanha, só foram attendidos quando a côrte

de Madrid teve noticias de que a Hollanda preparava uma poderosa esquadra sob o commando de Adrian Jansen Pater; que o reforço mandado aos brasileiros foi uma esquadra chefiada por D. Antonio Oquendo; que essa esquadra travou combate com a hollandeza; como terminou essa lucta.

Relembre as diversas derrotas dos hollandezes e como a sorte depois se lhes tornou favoravel em virtude da passagem para o exercito inimigo de Domingos Fernandes Calabar, que era grande conhecedor da região invadida; diga as diversas opiniões que ha a respeito de Calabar pois, si alguns o consideram um traidor, outros acham que elle foi um grande patriota pois o seu procedimento foi por julgar que o Brasil sob o jugo hollandez progrediria mais.

Fale nas diversas perdas dos brasileiros e como Sebastião do Souto correu para a victoria dos Pernambucanos; fale na retirada de Mathias de Albuquerque para as Alagôas e como foi substituido por D. Luiz de Rojas e Borja.

Diga aos alumnos que a companhia das Indias Occidentaes nomeou para governador do Brasil Hollandez a João Mauricio de Nassau que foi um administrador habil.

Fale nos diversos factos passados sob a sua administração e na sua retirada do Brasil em 1644.

Proseguindo, deve o professor dizer aos discipulos que a retirada de Nassau foi uma fatalidade para os hollandezes que se achavam no Brasil pois os tres negociantes, que lhe succederam no governo, concorreram com o seu procedimento para que no animo da população crescesse o sentimento patriótico e tomasse vulto a ideia de sacudir o jugo hollandez.

Fale como se organizou a conspiração conhecida pelo nome de Insurreição Pernambucana, salientando os nomes dos grandes heróes André Vidal de Negreiros, João Fernandes Vieira, Antonio Felipe — Camarão — o bravo indio que conseguiu conquistar, pela sua bravura e lealdade, a estima de todos — Henrique Dias e outros.

Diga os principaes factos dessa revolta e como terminou com a grande victoria dos brasileiros.

*Tiradentes* — Explique o professor que embora no seculo XVIII a instrucção

não se achasse convenientemente espalhada no Brasil, já o seu progresso intellectual crescia sensivelmente.

Diga que os brasileiros não poupavam esforços para se instruirem, sendo que muitos delles iam estudar na Europa.

Fale nos vexames que D. Maria I, então rainha de Portugal, infligia ao povo brasileiro; nas causas que concorreram para que surgisse o grande desejo de liberdade; nos principaes chefes da conspiração mineira; nas varias deliberações que elles tomaram; no pretexto arranjado para fazer estalar a revolta; no fracasso desse movimento.

Diga como foi infame o papel de Silverio dos Reis; descreva finalmente qual a sorte dos conspiradores, salientando a resignação heroica do grande martyr da independencia — Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes.

**D. João VI** — Explique o professor aos alumnos que, em virtude da demencia de D. Maria I, ficou como regente de Portugal o principe D. João.

Diga que a França já mostrava, ha muito tempo, a sua má vontade para com Portugal; que Napoleão Bonaparte proferiu e realizou mais tarde a celebre phrase: «Tempo virá que a nação portugueza pagará com lagrimas de sangue o ultrage que está fazendo á Republica Franca».

Relembre que Napoleão Bonaparte decretou o Bloqueio Continental contra a Inglaterra, ao qual D. João não poudo adherir por estar preso á Inglaterra por serios compromissos; que o imperador francez, aproveitando esse ensejo, mandou invadir Portugal pelo general Junot; que D. João vendo o perigo que o ameaçava mandou seu filho, D. Pedro, para o Brasil; que depois, aconselhado pelo ministro inglez em Lisboa, resolveu embarcar tambem para o Brasil.

Fale na partida da familia real; na recepção entusiastica que teve na Bahia; na sua partida para o Rio de Janeiro onde fez a séde da monarchia portugueza; na falta de habitações para todos os membros da comitiva e na resolução de D. João de mandar que os brasileiros desoccupassem os melhores predios para nelles se alojarem os portuguezes, sendo collocadas em cada casa as iniciaes P. R. (Principe Regente) traduzi-

## GEOGRAPHIA

1º anno

TRAJECTO PERCORRIDO PELO ALUMNO

Palestre o professor com as crianças, attrahindo-lhes a attenção para o assumpto, em seguida chame uma dellas e, por meio de perguntas habilmente feitas, leve-a a descrever o caminho percorrido de sua casa á escola.

Pergunte-lhe por onde costuma passar, se faz o trajecto a pé ou de bonde, se atravessa muitas ruas (cujos nomes procurará obter), se são grandes essas ruas, as casas commerciaes que encontra, as particulares, os jardins, praças, etc.

A' medida que for obtendo as respostas, procure de outros alumnos, que morem na mesma rua que o interrogado, a confirmação ou rectificação.

Segundo alumno, residente em outro local, deve ser chamado para, por sua vez, contar o caminho percorrido. As mesmas confirmações ou rectificações, que para o precedente, serão procuradas.

Desta conversação, resultará ficarem as crianças sabendo que existem vias de comunicação de diversas importancias: ruas, avenidas, becos, praças, etc.; a situação da escola nesta ou naquella rua.

Só na segunda lição, após nova palestra, deve ser traçado, no quadro negro pelo mestre e nas ardosias pelos alumnos, o esboço do trajecto percorrido.

E' o momento de familiarizar a criança com a carta, de lhe fazer comprehender que o que ella representa é como se traçasse a verdade geographica.

No traçado do caminho que cada alumno percorre, sempre que fôr possível, devem ser representadas as linhas de bonde, os jardins publicos etc., tudo em fim a que as crianças costumam prestar attenção.

Pelas ruas traçadas, recordarão os discipulos os edificios publicos, as residencias que mais conhecem, as casas de negocios etc.

das ironicamente pelos brasileiros como significando — ponha-se na rua.

Finalmente falle sobre os grandes beneficios que a vinda de D. João VI trouxe ao Brasil.

**Independencia** — Continuando, diga o mestre que a vinda de D. João VI foi a causa indirecta da Independencia do Brasil.

Explique que tendo rebentado, em Portugal, (1820) uma revolta D. João VI, embora contrariado, para lá partiu deixando o Brasil em franco progresso sob a regencia de seu filho D. Pedro a quem, na hora da despedida, disse, entre lagrimas, as seguintes palavras: «Pedro, o Brasil brevemente se separará de Portugal; se assim fôr, põe a corôa sobre a tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão della.»

Diga o professor o estado financeiro do Brasil quando D. Pedro assumiu a regencia; as medidas que elle tomou para melhorar essa situação; fale nos decretos vindos de Portugal e no procedimento de D. Pedro a respeito delles; refira-se ao dia do *fico*; á organização, por D. Pedro, do novo ministerio; diga como José Bonifacio de Andrada e Silva com energica iniciativa conduziu o principe a fazer, pouco a pouco, a independencia do Brasil; fale nas discordias que houve em diversas provincias, entre ellas S. Paulo, e como D. Pedro seguiu para lá e acalmou os animos.

Diga, tambem, que de volta de S. Paulo, quando, a 7 de Setembro de 1822, se achava ás margens do Ypiranga, recebeu de Portugal um decreto que annullava todos os seus actos e, resolvendo separar de vez o Brasil de Portugal, arrancou o laço portuguez que lhe adornava o chapéu e deu o legendario grito «Independencia ou Morte».

Fale finalmente na chegada de D. Pedro ao Rio de Janeiro onde foi aclamado Imperador Constitucional do Brasil.

LUCILIA CORREALE

MAPPIN & VEBB Ltd.  
100, Ouvidor  
RIO DE JANEIRO

JOALHERIA  
Prataria, «Prata Princeza»  
Objectos de arte, etc.

## 4° e 5° ANNOS

## O BRASIL, SITUAÇÃO, LIMITES.

Abrindo primeiro, diante dos alumnos, um mappa da America do Sul, em que se veja claramente limitado o Brasil, mostre o professor o nosso Paiz, determinando-lhe todo o contorno para que bem possam os discipulos verificar a grande area que occupa.

Faça com que observem que grande parte do continente Sul-Americano é tomada pelo Brasil (dê a area), que quasi todo elle está situado no hemispherio meridional e uma pequena parte no septentrional e que, se considerarem como meridiano de origem o que passa pelo Rio de Janeiro, ficará sua maior parte no hemispherio occidental e a menor no oriental.

Diga ainda que, em superficie, é quasi igual ao conjuncto dos demais paizes da America do Sul, e que compete com elles em numero de habitantes.

Atravessado pela linha equatorial, differe o Brasil das regiões dos Andes pelo clima mais elevado e pela flora, mas ha uma parte em que a temperatura se approxima da dessas regiões, é o extremo meridional.

Mostre que outro contraste se nota entre o nosso Paiz e essas regiões: a sua relativa vizinhança com o velho mundo.

Póde, utilizando-se do mappa mundi ou do globo, fazer vêr que vae ao cabo de S. Roque a linha mais curta entre o cabo de S. Vicente (Portugal) e a America. Mandê observar que Pernambuco está menos afastado de Cadiz (porto do Sul da Hespanha) do que qualquer ponto da Venezuela, ainda que navegavel essa differença não seja considerada. Mostre tambem que, pela proeminencia occidental do continente africano, os dois mundos ainda mais se approximam.

Indique os pontos extremos do Brasil e, tratando dos limites, faça com que os proprios alumnos digam que a Este, Nordeste e Sueste é banhado pelo Oceano Atlantico; que ao Norte ficam as Guyanas Franceza, Hollandeza e Ingleza e as Republicas da Venezuela e Colombia; a Noroeste, Oeste e Sudoeste as Republicas da Colombia, Perú, Bolivia, Paraguay e Argentina; ao Sul a Republica do Uruguay.

Convem lembrar aqui ao professor que o estudo dos limites do Brasil deve merecer grande cuidado.

Dirá que as fronteiras são quasi sempre povoadas, que, de um lado e de outro, ha cidades, villas etc. entre as quaes o commercio é intenso.

Explique que, ás vezes, ha, marcando a linha de limite, um accidente physico—um rio, um lago, um monte—outras vezes esse limite se imagina traçado entre dois marcos ou dois pontos quaesquer.

Procurando tornar sempre interessante a lição, diga que ha, para impedir o contrabando, destacamentos de guardas aduaneiros que rondam a fronteira, pois o governo colloca, onde haja possibilidade de importarem mercadorias, uma alfandega ou um posto aduaneiro que cobra os direitos de exportação.

Fale nas fortalezas que ha em certos pontos da fronteira, como o forte de Coimbra no rio Paraguay e o de Tabatinga na foz do rio Javary.

Não esqueça o professor de se referir á fronteira maritima, explicando que a soberania de um paiz se estende pelo Oceano, a uma distancia que possa ser attingida por um tiro de canhão.

Fóra desse limite, o mar é completamente livre.

A fronteira com o Uruguay começa na barra do arroio Chuy, no Oceano, sobre por elle, segue pelo arroio S. Miguel, até a lagoa Mirim, que atravessa, continua pelo rio Jaguarão até a foz do Jaguarão-Chico, por este rio, pelo arroio da Mina, atravessa o rio Negro, em sua largura, o S. Luiz, affluente do Negro, em toda a extensão; segue a divisa pelo alto da Serrilhada e coxilha de Sant'Anna, passa entre a cidade de Sant'Anna do Livramento, em nosso Paiz, e Rivera, no Uruguay; atravessa a coxilha do Haedo, o arroio da Invernada, um dos formadores do Quarahim, que percorre até entrar no rio Uruguay.

Ahi começa a da Republica Argentina que segue pelo rio Uruguay até o Periguassú, por este rio, pelo Santo Antonio, em toda a extensão e pelo Iguassú, até a foz no Paraná.

Diga o professor que, por muito tempo, pretendeu a Argentina para limites o Chopim e o Chapecó, disputando-nos grande territorio. Serviu de arbitro na questão o Presidente dos Estados-Uni-

dos da America do Norte, cuja solução nos foi favoravel.

A fronteira com o Paraguay vae pelo rio Paraná até o Salto das Sete Quedas, pelo mais alto das serras Maracajú e Amambahy, pelos rios Apa e Paraguay.

Com a Bolivia nossos limites começam no desaguadouro da laguna da Bahia Negra, na latitude de 20°, seguem pelo rio Paraguay, até um ponto distante 9 kilometros do forte de Coimbra, atravessam as lagoas dos Caceres, Mandioré, Guahyba, Uberaba, seguem pela corixa Grande, cortam os morros Boa-Vista e Quatro Irmãos; atravessam os rios Verde, Guaporé, Mamoré até a junção com o Beni, o Madeira, o Abumam, o Papiro, o Igarapé Bahia e o Acre.

O Norte desta fronteira, só foi fixado depois de longas discussões, sendo adquirido, por compra, á Bolivia o territorio do Acre.

Foi, então, assignado, entre os dois paizes, o tratado de Petropolis. (Fale no grande brasileiro, Barão do Rio Branco, que muito trabalhou na fixação dos limites).

Com o Perú, começa a fronteira onde termina a da Bolivia e vae pelos rios Acre, Shambuiaco, Purús, Santa Rosa e Breu (affluente do Juruá), serra de Contamana, rio Javary em toda a extensão e uma recta de Tabatinga ao Japurá, de frente da foz do Apaporis.

Com a Colombia as divisas começam na confluencia do Apaporis, no Japurá, seguem pelo Apaporis até a foz do Tarahyra, por este, pelo rio Uaupés, pelo serro do Caparro e dirigem-se á ilha de S. José, no rio Negro, junto á pedra de Cucury.

Com a Venezuela atravessam os cumes das serras Cupy, Imery, Urucusseiro, Tapirapécó, Parima, Paracaima até o ponto de junção da Guyana Ingleza, Brasil e Venezuela.

Com a Guyana Ingleza: rios Mahú, Tacutú, serras Uassary e Acarahy.

Foi muito discutida esta fronteira com a Inglaterra, e o rei da Italia, a quem foi submettida a decisão, dividiu ao meio o territorio disputado.

A serra do Tumucumaque serve de limite com a Guyana Hollandeza e esta mesma serra e o rio Oyapock com a Guyana Franceza.

A questão desta fronteira foi sujeita ao arbitramento do governo suizo, sendo-nos dado ganho de causa.

EVERILDE FARIA LEMOS DA FONSECA.

## LINGUA MATERNA

4.º ANNO

## Exercicio escripto

## Verbos irregulares

Os alumnos empregarão, nas phrases que se seguem, os verbos dados, nas flexões convenientes.

O mal alheio *dar* (dá) conselho.

Não *dar* (dês) o dedo ao villão, que te tomará a mão.

A *dar* (dar) é obrigado, aquelle a quem hão *dar* (dado).

De bons propositos *estar* (está) o inferno cheio.

Quando *estar* (estiveres) suado não bebas agua muito fria.

Comendo tão pouco, não admira que *estar* (esteja) fraco.

Se *estar* (estivesse) bom tempo iria dar um passeio.

A ignorancia *ser* (é) irmã do orgulho.

Trabalha e *ser* (sê) honrado, se queres *ser* (ser) feliz.

Não ha palavra mal dita, se não *ser* (fôr) mal entendida.

Não ha cousa rogada que não *ser* (seja) cara.

Se a inveja *ser* (fosse) tinha, muita gente *ser* (é) tihosa.

Mais *valer* (vale) amigo velho que dinheiro.

Não bebas cousa que não *ver* (vejas), nem assignes carta que não *ler* (leias).

Quem se não aventurou, não *perder* (perdeu) nem ganhou.

Amigo que não presta e faça que não corta, que se *perder* (pêrca) pouco importa.

Antes que cases *ver* (vê) o que *fazer* (fazes).

Não *fazer* (faças) a outrem o que não queres que te *fazer* (façam).

*Dizer* (dize-)me com quem andas, *dizer* (dir) te hei as manhas que tens.

Se és infeliz não o *dizer* (digas) a ninguém.

Se os meninos *dizer* (disserem) a verdade não serão castigados.

O egoista é aquelle que *por* (põe) fogo a uma casa alheia para assar um ovo para comer.

Tudo que me *propôr* (propuzeres), executarei de boa vontade.

Os artigos *antepôr-se* (antepõem), sempre aos substantivos.

Tu não *pôr* (porás) difficuldades naquella questão.

O anno *compôr* — (compõe) se de doze mezes.

Ainda que elle se *oppor* (opponha) aos meus projectos, tentarei a empreza.

Quem tem inimigos não *dormir* (dorme).

Quem *cuspir* (cóspe) para o céu na cara lhe cae.

Quem a boa arvore se chega, boa sombra o *cohrir* (cóbrea).

Onde entra o bebeç *sahir* (sahe) o saber.

Os astros *attrahir-se* (attrahem-se) uns aos outros.

A preguiça *conduzir* (conduz) a todos os vicios.

Ao estio *seguir-se* (segue-se) o outomno.

Quem o alheio *vestir* (véste) na praça o *despir* (déspe).

Neste assumpto *divergir* (divirjo) eu da tua opinião.

As cores muito vistas *ferir* (ferem) os olhos.

Eu *preferir* (prefiro) as refeições simples.

Nunca *mentir* (mintas) se queres que te acreditem sempre.

Quem *ir* (vae) para o mar avia-se em terra.

Quando *ir* (fores) a Paris, não deixes de visitar os museus.

Mais vale um passaro na mão que dous que voando *ir* (vão).

### 5.º ANNO

#### Emprego do verbo haver

Quando o verbo *haver* é *peçoal*, isto é, quando se conjuga em todas as pessoas, emprega-se *com o sujeito claro* e funciona sempre como *transitivo directo*, completado por meio de objecto directo.

Exs.:

*Os antigos haviam o apparecimento dos cometas* como signal de máo agouro. Acredito que *elles hajam* por superfluas *as minhas allegações*.

Quando o verbo *haver* é *unipessoal*, quer dizer, quando só se conjuga na terceira pessoa do singular, *não tem sujeito claro* e funciona tambem como *transitivo directo*, completando-se por meio de objecto directo.

Exs.:

Amanhã *ha varias festas*.

Emquanto *houver homens*, sempre *haverá injustiças*.

Tambem se emprega o verbo *haver* acompanhando um *participio passado invariavel* ou a preposição *de* seguida de *infinitivo*; neste caso funciona como *auxiliar*.

Exs.:

*Hei estudado* todas as manhãs.

*Havemos de brincar* no pateo da escola.

O verbo *haver* entra tambem como formador do *futuro do indicativo* e de *condicional* dos verbos.

Exs.:

*Andaremos, andaria*: quer dizer: andar + *hemos* ou *havemos*, andar + *havia*.

A professora poderá mandar copiar as phrases que se seguem — do Curso Pratico de Portuguez de José Portugal — e os alumnos substituirão os verbos gryphados pelo verbo *haver*, empregado ora como *peçoal* ora como *unipessoal*.

*Existem* (Ha) ainda muitos povos no estado selvagem.

*Deram-se* (Houve) graves conflictos com o clero.

Não *appareciam* (havia) sessenta soldados que pudessem pegar em arma.

Mas reflecti que vós *tendes* (haveis) cabedal de conhecimentos para muito mais.

*Offerecer-se-hão* (Haverá) grandes vantagens para os revendedores.

*Succederiam* (Haveria) grandes complicações se elle não fosse prudente.

Na fortaleza *estavam* (havia) soldados e officiaes.

Certos reis *portaram-se* (se houveram) de modo que comprometteram a autoridade real.

Espero que *appareçam* (haja) homens energicos para esta empreza.

Elle não acreditava que *se passassem* (houvesse) tantos riscos nessa viagem.

A policia retirar-se-ha, se não *se dêrem* (houver) ordens em contrario.

Os arabes *tinham* (havam) parado deante de tanta ousadia.

Se os nossos serviços não vos agradam, desde já nós nos *damos* (havemos) por despedidos.

Começaram a *dar-se* (haver) muitas irregularidades.

*Dão-se* (ha) casos que podem mais que as leis.

Acontece *apparecerem* (haver) leis inexequiveis.

Na mina *tinham-se dado* (houve) terriveis desastres.

Vamos, não se *dêem* (haja) entre nós doestos.

Costumam a *dar-se* (haver) desordens na feira.

Como chegaram agora mesmo, *têm* (hão) de descançar primeiro.

#### America Xavier M. de Barros

—»O«—

### Sciencias physicas e naturaes

3.º ANNO

#### A PELLE

Fazer observar que a pelle não só envolve todo o corpo, mas tambem o interior das cavidades, recebendo, então, o nome de mucosa.

Ensinar que a pelle é a séde geral do tacto, sentido que nos permite apreciar a temperatura, a fórma, o peso, o volume, a dureza... dos corpos.

Explicar que ella se compõe de camadas distinctas: a epiderme e a derme.

Dizer que entre essas duas camadas se encontra uma substancia corante — o pigmento — que dá a côr á pelle do individuo, formando as differentes raças.

Fallar ligeiramente nos caracteres distinctivos das raças humanas.

Fazer notar que em certas partes do corpo a epiderme se apresenta mais espessa (palmas das mãos e planta dos pés); que, com o trabalho manual, a epiderme engrossa, endurece e calleja.

Dizer que os pellos e as unhas são producções da epiderme.

Ensinar que a epiderme é destituida de filetes nervosos; é insensivel; a derme, ao contrario, é atravessada por grande numero desses filetes, por vasos sanguineos; é sensivel, contendo as glandulas sudoriparas, grande numero de glandulas sebaceas e os corpusculos do tacto; é a parte principal da pelle.

Accentuar que a epiderme se recompõe, o que não succede com a derme. Si nos cortarmos de modo que o córte só attinja a epiderme, a pelle se produzirá sem deixar vestigios; mas, si a cortadura fôr até á derme, esta se destruirá, não mais se recomporá, ficando a cicatriz.

Não será superfluo dar alguns conselhos sobre a hygiene da pelle.

Começar explicando o que é o suor, a necessidade absoluta de eliminal-o do organismo.

Salientar que, além de ser a pelle séde de uma transpiração continua, é nella que se depositam as substancias graxas, segregadas pelas glandulas sebaceas; que essas substancias accumuladas na superficie, não só se corrompem, produzindo cheiro desagradavel, como prendem as poeiras, formando uma camada que impede a transpiração.

Lembrar que esses inconvenientes são promptamente removidos com um esculpulo asseio corporal.

Accrescentar que apenas com a hygiene se evitam todas as doenças transmissiveis — as localidades onde a limpeza é falha, são sempre assoladas por essas molestias.

E. B.

# Indice Alfabético

	PAG.		
Alvitre infeliz.....	137	Historia do Brasil—Alfredo Balthazar da Silveira....	247
Analyse indeterminada—F. Cabrita.....	99	Historia Patria (Notas da—).....	38
Anomalia (Significativa—).....	133	Historia Geral—Alfredo Balthazar da Silveira, 178, 314 e	340
Arithmetica (Exercicios de—)J. A. 74, 144, 293 e.....	308	Historia Natural. Theoria cellular—C. Amazonas.....	173
Arithmetica—Julieta Arruda.....	208	Hymno Nacional (O—).....	238
Arithmetica—O. C.—25, 58, 87, 127, 159, 189 e.....	282	Inspecção (A—do ensino privado).....	165
Bandeira (A—)Judith Gitahy de Alencastro.....	344	Instrucção em Minas (A—)C. S.,.....	168
Brasil (A população do).....	101	Leitura expressiva—Sebastiana M. de Figueiredo....	245
Cartas Serranas—Maria Stella.....	70 e.....	Lingua Materna—America Xavler de Barros, 16, 50,	
Cellula e suas modificações (Noção geral da—)C. P....	43	81, 122, 151, 216, 255, 277, 317 e.....	349
Centenario (A comemoração do—nas escolas prima-		Lingua Materna—Julieta M. Silva Arruda, 13, 47, 80,	
rias.....	142	121, 150, 181, 251 e.....	279
Centenario (Para commemorar o—).....	97	Lingua portugueza nas escolas primarias (A—)F. Cabrita	9
Civico (Catecismo—) F. Cabrita.....	236	Linguagem (O ensino da—)Amelia Rosa Ferreira 104 e	172
Commemoração (A melhor—).....	65	Livro 'a lembrar (Um—) Escragnole Doria.....	231
Dictado—Paulo Freitas.....	146	Medo Através das revistas. (O—) Helena.....	338
Disciplina escolar (Factos da—)A. Rosa Ferreira.....	299	Metaplasmos—Coema Hemeterio.....	306
Discursos notaveis (Dois—).....	293	Multiplicando e multiplicador—J. A.....	141
Divagando—Malva.....	329	Nacionalismo (O—) e o ensino primario.....	35
Educação moral—C. A.....	236	Onde, donde: Adverbio? Pronome?—F. Cabrita... ..	139
Educação do homem e do cidadão— Maria Reis Cam-		Orthographia portugueza na escola primaria (Van-	
pos—12, 46, 79 e.....	120	tagens da—)Antenor Nascentes.....	36
Educação do homem e do cidadão—N. A.—149, 180 e	216	Palavras (Familia de—) Zulmira.....	113
Educação moral e civica—Jonathas Serrano.....	8	Periodo simples e composto—Coema Hemeterio. ....	41
Ensino (A diffusão do—) Zulmira.....	205	Pontos de vista—F. R. ....	3
Ensino Municipal (O—)C. A.....	200	Pontos famosos (Os—) Ottilia Reis.....	202
Ensino primario (A União e o—).....	295	População do Distr. Federal (Como se distribue a—)	169
Ensino privado (A inspecção do).....	165	Portuguez (O ensino de—) A. Joviano.....	334
Ensino primario (O nacionalismo e o—).....	35	Portuguez (Lição de—) Zulmira.....	303
Ensino primario em Minas Geraes (O—).....	328	Problema (Um — interessante).....	111
Escola Delfim Moreira (Discurso do Deputado		Problema interessante (Ainda um—)Abilio de Barros	
Mello Franco na —).....	326	Alencar.....	10
Escola Primaria (A)—1 e.....	325	Problema (O magno—) Ramiz Galvão.....	269
Escolas primarias (Importancia das—)Moreira Guima-		Proclamação da Republica—Francisca P. do Amarante	
rães.....	37	Imbuzeiro.....	258
Evolução Brasileira em cem annos de independencia		Programmas das escolas primarias (Ligeiras notas	
(A—)Nelson Senna — 271 e.....	232	sobre os—)Zelia de Oliveira Braune.....	4
Fayol (Os 14 principios de—) José Piragibe.....	67	Pronominaes (Variações—) Coema Hemeterio.....	171
"Fico" (O dia do—) — Zulmira.....	241 e 277	Providencia necessaria.....	197
Geographia — C. Piquet 19, 53, 83, 124, 153, 182,		Psittacismo. Através das revistas—Helena.....	115
220 e.....	259	Regimento disciplinar.....	208
Geographia—Everilde Faria Lemos da Fonseca.....	347	Regra de tres (Methodo pratico para resolver uma—)	
Geographia. Escola Normal — I. A. 44, 77, 116, e ..	214	Abilio de Barros Alencar.....	310
Grammatical (Advocacia—) Francisco Prisco.....	296	Sciencias physicas e naturaes—E. B. 28, 60, 90, 130,	
Historia — Everilde Faria Lemos da Fonseca.....	155	162, 222, 260 e.....	320
Historia — Francisca Amarante Imbuzeiro 158 e.....	122	Sciencias physicas e naturaes—Helena Moreira Gui-	
Historia — Lucilia Correale 157, 187, 263, 318 e.....	345	marães.....	335
Historia — M. A 23, 56, 84, e.....	125	Sete de setembro.....	229
Historia — Rosina Bellagamba 156 e.....	185	Sujeito—Predicado—Coema Hemeterio.....	72
Historia. (Politica de Instrucção Publica. (O ensino		União e o Ensino Primario (A—).....	295
da—) 2. 34, 66, 98, 138, 166, 198, 230, 270 e.....	294	Vegetaes (Os—) C. P.....	43

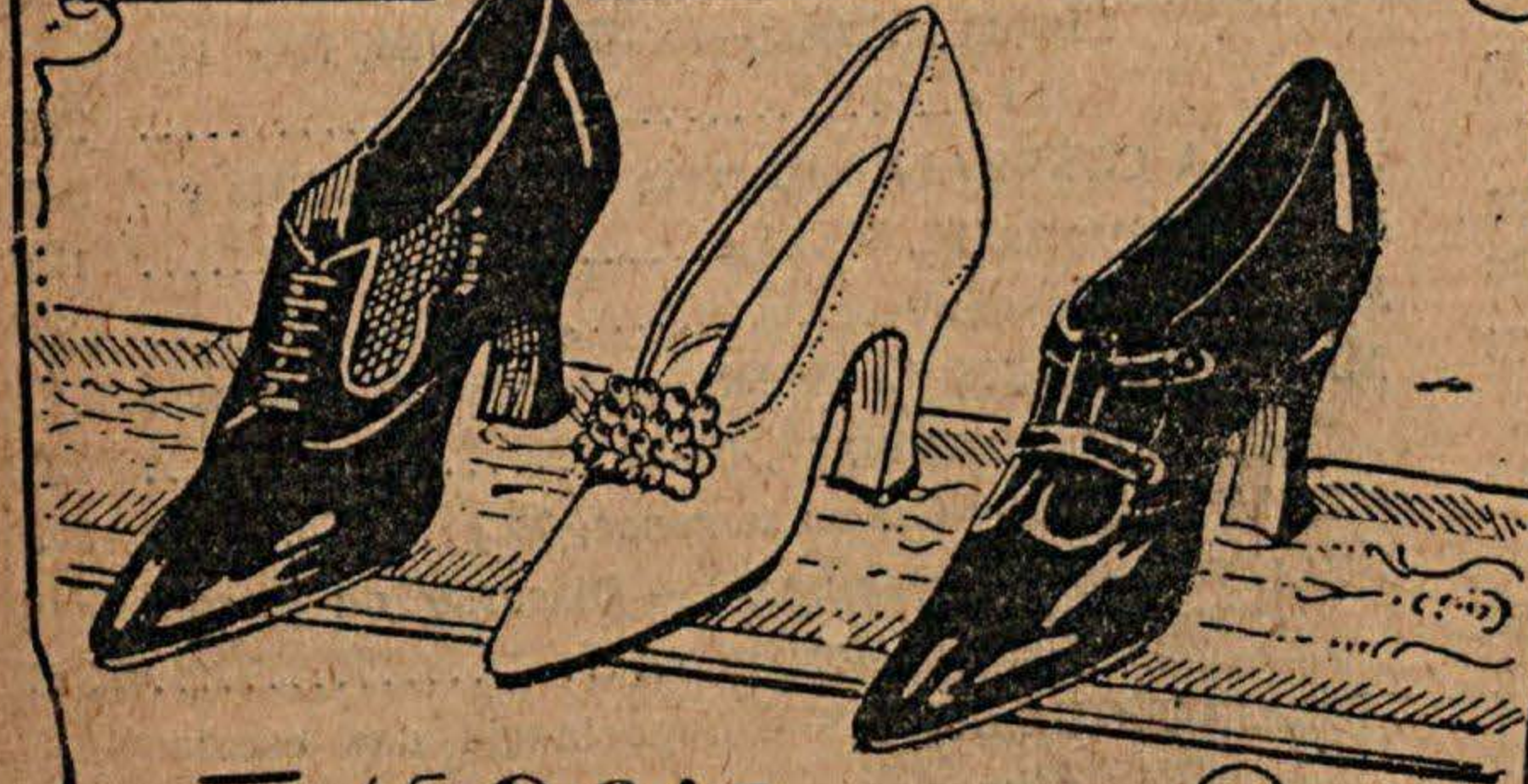
## AUTORES

	PAGS.		
A. JOVIANO—O ensino de Portuguez.....	334	Proclamação da Republica.....	258
ABILIO DE BARROS ALENCAR—Ainda um pro-		FRANCISCO PRISCO—Advocacia grammatical.....	296
blema interessante.....	10	HELENA—Através das revistas—O medo.....	338
Regra de tres.....	310	Psittacismo.....	115
ALFREDO BALTHAZAR DA SILVEIRA—Historia do		HELENA MOREIRA GUIMARÃES—Sciencias physicas	
Brasil.....	247	e naturaes.....	335
Historia Geral—178. 314 e.....	340	I. A—Geographia. Escola Normal—44, 77, 116, 147 e..	214
AMELIA ROSA FERREIRA—Factos da disciplina es-		. A.—Exercicios de Arithmetica—74, 144, 243 e.....	308
colar.....	299	Multiplicando e multiplicador.....	141
O ensino da linguagem—104 e.....	172	JONATHAS SERRANO—Educação moral e civica...	
AMERICA XAVIER DE BARROS—Lingua Materna—		JOSE' PIRAGIBE—Os 14 principios de Fayol.....	67
16, 50, 81, 122, 151, 216, 255, 277, 17 e.....	349	JUDITH GITAHY DE ALENCASTRO—A Bandeira... ..	344
ANTENOR NASCENTES—Vantagens da orthographia		JULIETA M. SILVA ARRUDA—Arithmetica.....	208
portugueza na escola primaria.....	36	Lingua materna—13, 47, 80, 124, 150, 181,	
C. A.—Educação moral.....	236	251 e.....	279
C. AMAZONAS—Historia natural. Theoria cellular... ..	173	LUCILIA CORREALE—Historia 157, 187, 263, 318 e..	345
C. P.—Noção geral da cellula e suas modificações.		M. A.—Historia, 23, 56, 84 e.....	125
Seres uni e pluri cellulares, Os vegetaes..	43	MALVA—Divagando.....	329
C. PIQUET.—Geographia—19, 53, 83, 124, 153, 182,		MARIA DOS REIS CAMPOS—Educação do homem e	
220 e.....	259	do cidadão, 12, 46, 79 e.....	120
C. S.—A Instrucção em Minas.....	168	MARIA STELLA—Cartas serranas, 70 e.....	332
COEMA HEMETERIO—Metaplasmo.....	306	MELLO FRANCO (Deputado) — Discurso na Escola	
Periodo simples e composto. Coordenação		Delfim Moreira.....	326
e subordinação.....	41	MOREIRA GUIMARÃES — Importancia das escolas	
Sujeito—Predicado.....	72	primarias.....	37
Variações pronominaes.....	171	N. A.—Educação do homem e do cidadão—149, 180 e	216
E. B.—Sciencias physicas e naturaes—28, 60, 90, 130,		NELSON DE SENNA (Deputado)—A evolução brasi-	
162, 222, 260 e.....	320	leira em cem annos de independencia.	
ESCRAGNOLE DORIA—Um livro a lembrar.....	231	(Discurso), 232 e.....	271
EVERILDE FARIA LEMOS DA FONSECA—Geogra-		O. C.—Arithmetica, 25, 58, 87, 127, 159, 189 e.....	282
phia.....	347	OTILIA REIS—Os famosos pontos.....	202
Historia.....	155	PAULO FREITAS—Dictado.....	146
F. R.—Pontos de vista.....	3	RAMIZ GALVÃO—O magno problema.....	269
F. CABRITA—A lingua portugueza nas escolas pri-		ROSINA M BELLAGAMBA—Historia, 156 e.....	185
primarias.....	9	SEBASTIANA M. DE FIGUEIREDO—Leitura expressiva	245
Analyse indeterminada.....	99	ZELIA JACY DE OLIVEIRA BRAUNE—Ligeiras notas	
Catecismo civico.....	236	sobre os programmas das escolas prima-	
Onde, donde. Adverbio? Pronome?.....		rias.....	4
FRANCISCA P. DO AMARANTE IMBUZEIRO—His-		ZULMIRA—A diffusão do ensino.....	205
toria—158 e.....	222	Familia de palavras. Palavras cognatas..	113
		Lição de Portuguez.....	303
		O dia do «Fico».....	277

# CASA DO BASTOS

R. URUGUAYANA 19-22

Novas criações  
em bufalo branco, verniz,  
e pellicas de cores, setim,  
rosa, e branco.

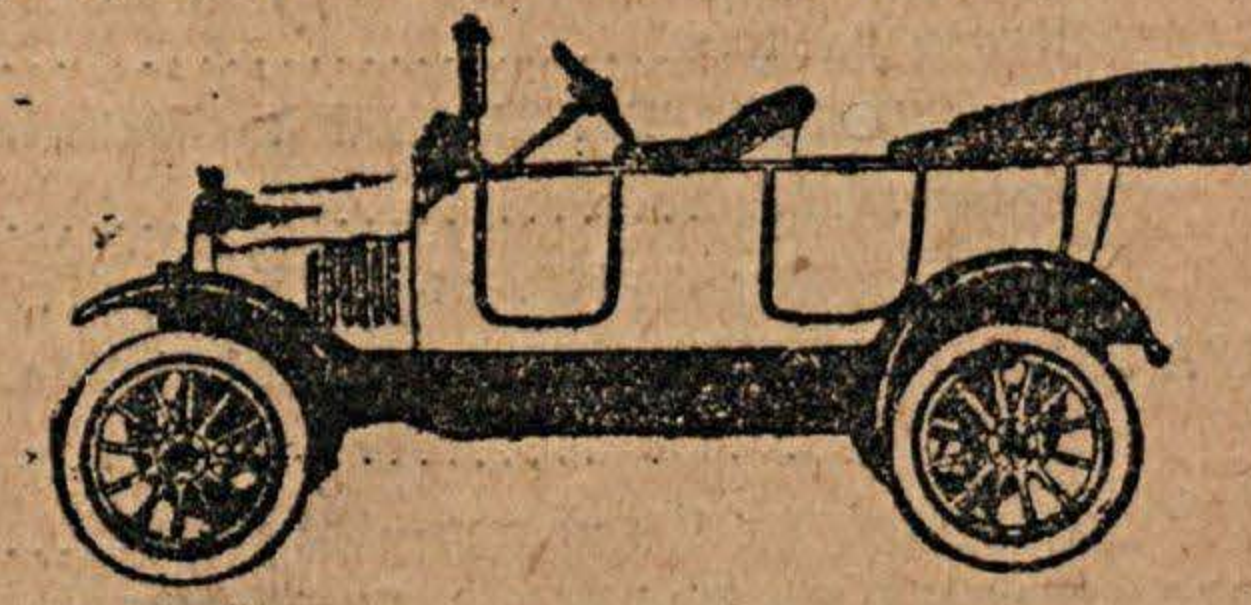


TEL. 2616 central - Rio -  
Tecem Catalogos

De todos os automoveis o mais economico é o

# Ford

O AUTO UNIVERSAL



O seu custo é de 50 % menos que o do mais barato automovel de qualquer outra marca. A sua força e velocidade é, praticamente, igual ou superior ás dos demais automoveis. As despesas com o seu custeio são insignificantes, graças á economia no consumo de gazolina, diminuto custo das peças sobressalentes e dos neu s. O auto FORD é, pois, o unico que oferece reaes vantagens e atende ás necessidades da actual crise.

VENDAS A PRESTAÇÕES

Agentes  
Companhia Commercial e Maritima  
Secção »Anto Geral« : RUA BENEDICTINOS, 1 a 7 — Telephones 753 e 759 N.  
Stock permanente de peças sobressalentes legitimas

## Chocolate e café só ANDALUZA

Fabrica — RUA DOS ANDRADAS RIO DE JANEIRO

### União Manufactora de Roupas

Proprietaria das maiores fabricas de roupas brancas da America do Sul  
(Sociedade Anonyma)  
CAPITAL INTEGRALIZADO 1.500.000\$000

FABRICAS:

RUA HADDOCK LOBO, 406, 408, 410 e 412 — RUA GONÇALVES CRESPO, 43 e 45  
RUA DR. CAMPOS SALLES, 134 — RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96  
Escritorio e Departamento de Vendas Geraes = RUA GENERAL CAMARA, 89

UNIFORMES E ENXOVAES COMPLETOS PARA COLLEGIAES

Fornecedores dos principaes collegios da Capital e dos Estados

ALFAIATARIA, CAMISARIA E GRAVATARIA - FAZENDAS POR ATACADO

VILLA DE PARIS — 35, Rua dos Ourives, 35  
Buenos Ayres, 76 e 78 — Rio de Janeiro



### OCULOS e PINCE-NEZ

para qualquer defeito da vista

Apparelhos Photographicos e Accessorios.

LUTZ, FERRANDO & CIA LTDA  
RUA GONÇALVES DIAS N. 40 — RIO

### CASA GUIOMAR

CALÇADO DADO

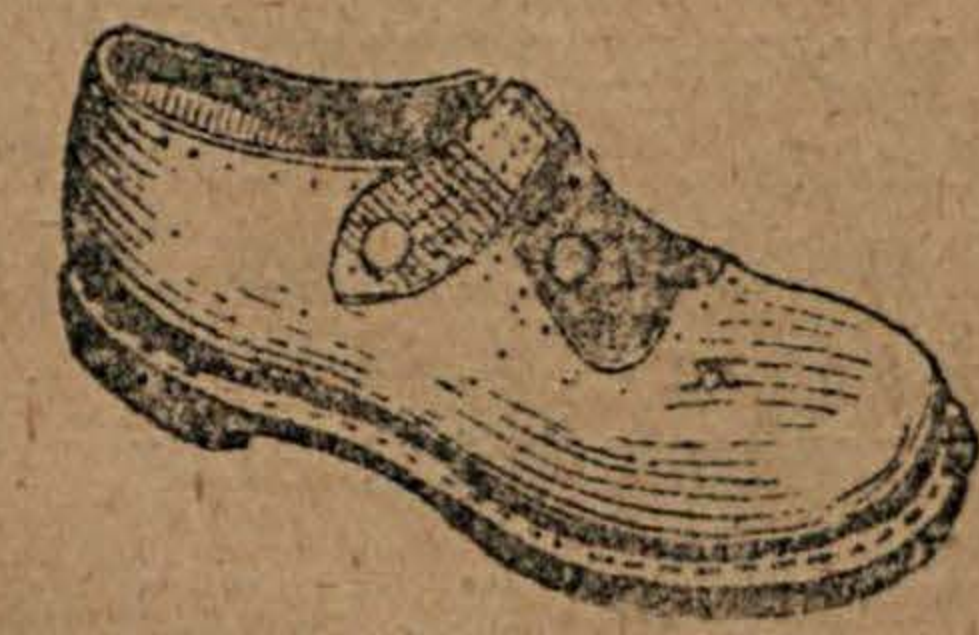
Avenida Passos, 120  
(Proximo a Rua Larga)

Tendo adquirido uma importante fabrica pode assim vender todos os seus productos de calçados desde as alpercatas a Luiz XV mais barato que qualquer casa 50 oio.



#### MODELO NILDA

De 17 a 26..... 4\$000  
De 27 a 32..... 5\$000  
De 33 a 40..... 6\$500



#### MODELO NORAH

De 17 a 26..... 4\$500  
De 27 a 32..... 5\$500  
De 33 a 40..... 7\$500

Pelo Correo, mais 1\$500 por par

Remettem-se catalogos illustrados gratis para o interior a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA



O que o doente sente com o uso do «ELIXIR DE INHAME»

Com o tratamento pelo Elixir de Inhame, o doente experimenta uma grande transformação no seu estado geral; o apetite augmenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arlenico) a cor torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais resistencia á fadiga e respiração facil. O doente torna-se florescente, mais gordo e sente uma sensação de bem estar muito notavel.

Modo de usar : O Elixir de Inhame Goulart deve ser usado na dose de uma colher depois de cada refeição.

**Depura - Fortalece - Engorda**

## A Dentição das Creanças



Todo o cuidado é pouco quando se trata dos dentes da Creança pois a saude depende em grande parte do estado da bocca.

Oxiliq e Assistencia Dentaria Gratuita  
Associação Central Brasileira dos Cirurgios Dentistas  
Av. Rio Branco, 112

**S.S. White Dental Mfg. Co. of Brazil**

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 129

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional . . . . .	\$600
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
3º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	1\$000

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia . . . . .	\$600
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
1º Livro de Leitura . . . . .	3\$500

## SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica . . . . .	1\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
5º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães . . . . .	1\$000
Primeiras Leituras . . . . .	2\$000
Leituras Moraes . . . . .	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura . . . . .	1\$500
Cartilha . . . . .	1\$800
Leitura Preparatoria . . . . .	2\$500
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	4\$000

## JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
5º Livro de Leitura . . . . .	4\$000
Leituras Praticas . . . . .	3\$000
Fabulas (em verso) . . . . .	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria . . . . .	2\$000
Leitura para o 2º anno . . . . .	2\$500
Leitura para o 3º anno . . . . .	2\$500
Leitura para o 4º anno . . . . .	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias . . . . .	2\$000
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000

## ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura . . . . .	\$600
Novo 1º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000

## FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler . . . . .	\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$600
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
Excursões escolares . . . . .	1\$000

## DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro . . . . .	1\$500
Vida Infantil 2º Livro . . . . .	2\$000
Vida Infantil 3º Livro . . . . .	2\$000

## COLLECCÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro . . . . .	1\$000
Novos principios de Leitura . . . . .	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, ás 2 partes . . . . .	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte . . . . .	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte . . . . .	2\$000
Compendio de Historia Sagrada . . . . .	3\$000
Noções de Sciencias . . . . .	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.) . . . . .	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.) . . . . .	6\$000
E. DE AMICIS — Coralção . . . . .	2\$000

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente . . . . .	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios . . . . .	3\$500
" " Patria Brasileira . . . . .	3\$500
" " Theatro Infantil . . . . .	2\$500

## CORNAZ

As creanças e os animaes . . . . .	1\$500
Novos Amigos . . . . .	2\$070
CORREIA e BARRETO—Era uma vez . . . . .	2\$000
A. M. PINTO—Proverbios populares . . . . .	2\$000
BILAC e BOMFIM—Leitura Complemeutar . . . . .	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar . . . . .	3\$500

## TANCREDO AMARAL

Livros das Eacolas . . . . .	3\$300
------------------------------	--------

## BARRETO E LAET

Anthologia Nacional . . . . .	6\$000
-------------------------------	--------

## EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira . . . . .	6\$000
---------------------------------	--------

## JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos . . . . .	3\$000
Selecta Classica . . . . .	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico . . . . .	3\$500
B. P. R.—Leitura Manuscripta . . . . .	1\$500

## A BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica . . . . .	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infrantis . . . . .	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Creanças . . . . .	2\$000
R. PUIGGARI—Album de Gravuras . . . . .	2\$000

Remettemos o nosso catalogo, gratis para todo o Brasil